

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A—1.º e 2.º Andares—Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa—Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA
DE CENSURA

O uso dos presépios do Natal nasceu da alma de um grande santo, que foi um grande poeta.

Era em Dezembro de 1223, nas colinas bucólicas da Umbria. João Bernardone, já então conhecido apenas pelo nome, que havia de ser imortal, de Francisco de Assis—homem extraordinário, que praticava a virtude e a penitência na alegria do coração—obtivera do Pontífice Romano permissão para celebrar a festa do Natal com a ternura e engenho que lhe pedia a alma.

E, entrando o mês de Dezembro, disse a Micer João Velita, amigo dilecto pela boa reputação e rectidão de vida:

—Se queres que em Grecio celebremos a festividade do Natal, dá-te pressa a fazer o seguinte, porque desejo comemorar aquele Menino, que nasceu em Belém. E do modo que me fôr possível, quero vê-lo com estes meus olhos reclinado nas palhas da mangedeira, entre o boi e o jumento, quero, em suma, contemplar os rigores das suas infantis precisões.

João Velita observou à risca as instruções de Francisco, e este expediu convites aos irmãos dos ermitérios próximos e às populações dos povoados vizinhos.

E, cerrada a noite de 24 de Dezembro, cerca da meia noite, começaram os cômodos a fosforescer-se de lumes, que pareciam bocadinhos de ouro incandescente, espalhados no negrume.

Ao mesmo tempo um rumor longínquo e harmonioso encheu os ares de melodia.

Eram os irmãos da nascente ordem franciscana e os habitantes das aldeias da serra, que desaiam para Grecio, a fim de assistirem ao espectáculo de ternura que Francisco preparara. Como a noite estivesse escura e os caminhos fossem ásperos e precipitosos, todos se haviam munido de archotes. E entretanto, arroubados de devoção, vinham entoando salmos e cânticos piedosos, cujas harmonias, descendo da montanha para o vale, pareciam baixar misteriosamente do céu.

Em Grecio fizera Velita erguer um altar, sob o céu picado de estrelas.

Ao lado do altar, numa rústica mangedeira, via-se a imagem do Menino Jesus,

A FESTA DO NATAL

deitado em loiras palhinhas. E o burrinho e a mansa vacinha, os animais, que, segundo a tradição, se encontravam na arribana de Belém, fitavam o Divino Infante com grandes olhos tranqüilos e doces.

Diante desta ingénua e piedosa cena, haviam-se juntado os irmãos e o povo, que cantavam, enlevados. Francisco chorava de ale-

lém, como ovelha que bala, enchendo a bôca daquele som e ainda mais da doçura dos afectos.

E foi assim que se construiu o primeiro presépio e se celebrou a primeira Missa do Galo...

No nosso país, o Natal é uma das festas mais gratas ao coração do povo e o pre-

pio da minha aldeia, junto da capela-mór, era o meu enlêvo. Num amplo estrado, entalada num amontoado caótico de brutas penedias, lá estava a arribana de Belém. Deitado nas palhinhas nuas e frias da mangedeira, o bendito Menino Jesus sorria com ternura para sua mãe e S. José.

A' volta representava-se o vasto mundo, com as suas

de que em Belém nascera um Menino, que viera proclamar a paz e o bem-querer entre os homens.

Mais longe vinham mulheres do povo e pegureiros (a boa nova espalhara-se depressa...) trazendo rústicos presentes: anhos, pinhos, maçãs camoêsas e—ó maravilha!—racimos de louras e frescos moscatéis. E mais longe ainda, no

Mas, não contente com ele, o povo quis comemorar o Natal nas suas cantigas tradicionais, tão doces e carinhosas:

*Ó meu amado menino,
Descalçinho pelo chão,
Metei os vossos pezinhos
Dentro do meu coração.*

*Ó meu Menino Jesus,
Alfaiatinho sob'rano,
Mandai-me lá desses céus
Um retalhinho de pano.*

*Ó meu Menino Jesus,
Boquinha de marmelada,
Quisera come-la toda
E não vos deixara nada.*



O homem—matéria e espírito—não celebra nenhum grande alegria sem dar ao corpo uma justa partilha nela. Daí vem o uso tradicional da nossa *consoada*—a ceia em que toda a família se reúne. E' uma parte importante da festa do Natal esta *consoada*—principalmente no nosso Minho. Vêm de longe os membros dispersos da família, para se abraçarem naquele dia; comem-se os pitêus tradicionais: o saboroso bacalhau com grêlos, e as doçarias: os mexidos, os formigos, as filhós, a aletria, as rabanadas...

E é justa e bem cabida esta parte da comemoração do Natal.

Um dia os discípulos de S. Francisco de Assis perguntaram-lhe se podiam comer carne no dia de Natal, mesmo quando o dia coincidissem com a sexta-feira.

—Sem dúvida—volveu o Santo.—Eu desejaria mesmo que

os príncipes e grandes da terra mandassem atirar para os campos e para os caminhos carnes e trigo, a fim de que as aves do céu e os animais silvestres pudessem também tomar parte em tamanha festa.

Natal! Natal! E' a festa mais doce do calendário cristão, a festa da alegria, do bem-querer e da ternura.

Correia Marques.

A esperança é a última flor que murcha no jardim da inteligência.

Bendita seja a esperança, filha dos céus, eterno cântico dos anjos.

Camilo Castelo Branco.

gria e ternura... No altar foi celebrada a missa, em que o Santo-Poeta ministrou de diácono. Com voz canora, entoou o Evangelho. Em seguida prégou.

Tomás Celano, o amável biógrafo, de cuja obra (*Vita prima*, I, CAP. XXX) extraímos a sùmula desta narrativa, resume o sermão de Francisco nestas palavras:

«Prega depois ao povo reunido, e sôbre o nascimento daquele Rei pobrezinho e sôbre a pequena cidade de Belém, proferem seus lábios palavras melifluas. Havendo de nomear repetidas vezes a Cristo Jesus, chama-lhe, em transportes de amor, «Menino Belém», pronunciando Be-

sépio um enlêvo todos os anos renovada com muito carinho... e muitos e adoráveis anacronismos. Mas do pitoresco e da adorável significação daqueles anacronismos, às vezes tamcheios de intenção moral e filosófica, é que eu tenho maiores saúdes...

Se me lembro! O presé-

pio um enlêvo todos os anos renovada com muito carinho... e muitos e adoráveis anacronismos. Mas do pitoresco e da adorável significação daqueles anacronismos, às vezes tamcheios de intenção moral e filosófica, é que eu tenho maiores saúdes...

No viso de uma escarpada montanha, um artilheiro chegava o morrão ao ouvido de uma grossa colubrina, esquecido certamente

fundo de todo aquele caravanseralho, os Reis Magos, montados em inverosímeis dromedários, acorriam, num tropel de vistosa escolta, para trazer ao Menino Jesus os peitos da gentildade...

Este uso piedoso do presépio ficou para sempre na Cristandade, e é geral no nosso país, principalmente no Minho, tendo merecido a alguns escritores páginas vibrantes e comovidas.

Quem se não lembra, por exemplo, da linda descrição do presépio de Alvapenhas, feita por Júlio Dinis na *Morgadinha dos Canaviais* ou da de Ramalho Ortigão nas *Farpas*?

O "Notícias de Guimarães", deseja muito Boas Festas e muitas felicidades no Novo Ano a todos os seus colaboradores, colegas, assinantes, anunciantes e amigos.

Horas bárbaras

Edviges -- Rainha da Polónia

CURIOSO destino, o destino desta formosa Princesa. Desde nova, onze anos, haviam disposto do seu coração — era, então, a prometida de um Príncipe Austríaco. E, quando no seu coração, acordou o afecto, elle bateu ao mesmo ritmo — e aceitou, como esposado, o noivo que lhe tinham designado. Filha de um homem, que dera o seu nome à corôa da Polónia, mas que dela vivera sempre afastado, é já com sacrificio que a encantadora menina tem de abandonar o seu Castelo, em que as fadas a aureolavam de estrelas propícias, para vir sentar-se no mesmo trono que seu pai aborrecera. Ali, peor castigo às risonhas illusões do seu affecto, breve a enleava nas malhas da razão de Estado: era necessário faltar à fé jurada do amor, abandonar o noivo, que lhe fôra, na infância, o Príncipe encantado dos contos côr de rosa, e esposar outro homem, um lituano, vindo das florestas, em que sinistros feiticeiros celebravam, como deuses, o sol e o fogo, e em cujo lar se adorava a serpente. Edviges relutã, corajosamente, e, cercada dos seus aulicos, que são os algozes da sua alma apaixonada, arremete contra elles, brandindo uma acha de armas. Mas, o Príncipe, atirava-lhe aos pés, como melhor promessa de amor, os seus ídolos — e a sua figura hirsuta e forte de guerreiro deslumbrou-a pela grandeza épica do seu fervor veemente. O povo aclamava-a; os nobres mostravam-lhe que a corôa da Polónia, para resplandecer independente e pura sôbre seus cabelos, precisava de ver-se libertada da mácula opressora do seu casamento com um Príncipe inimigo. E foram as lágrimas, que verteu pelo seu amor, extinto as primeiras que baptizaram e redimiram Jagelão, antes mesmo dele receber as águas lustrais do primeiro sacramento. Jogelão foi coroado Rei da Polónia a 18 de Fevereiro de 1386, mas a Princesa continuou a ser — a Rainha. Pode bem dizer-se que foi o seu amor à Polónia que ela desposara.

A união, pelo menos simbólica, da Polónia e da Lituânia estava feita — e, cem anos depois do massacre dos polacos em Danzig, os Cavaleiros Teutónicos, que haviam tentado sublevar uma parte do povo lituano, eram esmagados em Tannenber, em 15 de Julho de 1410. Essa vitória fôra decisiva, e teve larga repercussão em toda a Europa: na reunião de Horodlo (já o procedimento dos polacos havia sido justificado no concílio de Constança) ficaram estabelecidas e acordadas as relações entre a Polónia e a Lituânia (2 de Outubro de 1413). Entretanto, e logo desde o primeiro ano do seu casamento, Edviges parte à frente de uma expedição militar — tinha ela, então, apenas dezoito anos —, e submete a Ruténia Vermelha: e, pouco a pouco, as vastas regiões das planícies e das estepes, junto ao Mar Negro, aceitam a suzerania do Rei da Polónia (a Moldávia, a Valáquia, mais tarde a Besserábia), firmando, assim, o desenvolvimento da potência polaca-lituana, e abrindo-lhe o caminho para o Mar Negro: como, em resultado da luta contra a Ordem Teutónica, a Polónia havia de terminar pela vitória, que lhe dava acesso ao Mar Báltico. Assim, nas mãos de uma mulher e por amor de uma mulher formosa a Aguiã Coroada da Polónia estendia as suas asas. E para melhor realçar o seu perfil, trasladaremos algumas palavras da História Universal de *Oncken*, bem insuspeitas pela sua origem e por essa parte ser devida aos trabalhos de *Schliezmann*: «A Rainha Edviges, tam justamente celebrada pelos escritores polacos, cabe ainda a glória de ter dado nova vida à Universidade de Cracóvia, que tinha decaído muito. Já em 1397, havia obtido do Papa Bonifácio IX uma bula concedendo à Universidade a Faculdade de Teologia, há muito desejada; depois, em seu leito de morte, garantiu, com importantes legados, a reconstrução dos edificios em ruína» — obra que seu marido completou com a reconstrução em 1410, fazendo corresponder assim o renascimento intelectual ao renascimento nacional: «a illustração chegou a ser, no século XV, uma verdadeira força da Polónia, e o Estado empenhava-se em abrir-lhe novos caminhos.»

Edviges morreu formosa e nova ainda — a sua passagem na vida tinha de ser a de uma flor de mocidade, e a filha, que tivera do seu casamento, havia succumbido também pouco depois de ter vindo ao mundo. Jagelão casou mais três vezes.

Nas dobrás da Vida

Carta incompleta

Meu amigo:

Escrevo-te de longe, e para longe.

Sepára-nos o mar — o mar da bonança e da tormenta, da esperança e da morte.

Sepára nos o mar... A vida é um naufrágio. Somos dois naufragos que as vagas do Destino — mar da vida — fizeram apontar a pontos opostos, a pontos extremos...

A paz seja contigo. Andaste, andaste, — deves ter andado muito. Avistaste já, mesmo de longe, a Terra da Promessa, da sublime Promessa? E a choupana, a acarinhante choupana do repouso, deparáste-la já? Diz se que no céu brilha uma estrela mais rutila que as outras — a estrela maga da magna felicidade... Pobres de nós: somos dois naufragos, irmãos de outros naufragos, que as vagas do Destino impelem caprichosas!...

Escrevo-te de longe. Sepára-nos o mar...

«A vida só é necessária para ser boa, isto é, feliz!»

«Feliz o que nunca viu o fumo de estrangeiras cabanas, o que nunca assistiu senão aos festins de seus pais».

A Saúde é ausência, flor de proscricção. Somos dois ausentes, dois proscritos, irmãos de outros proscritos, de outros ausentes...

Natal! Lenda divinizada, divinizada promessa da Redenção, do Amor, do Perdão... Jesus: — a Igualdade, a Solidariedade, a Beleza!...

Natal! Festim de naufragos, irmãos de outros naufragos; festim de ausentes, de proscritos, irmãos de outros proscritos, de outros ausentes...

Natal! Festim de almas cristãs, em Cristo comungando; festim de pobres, de pobrezinhos, em Cristo enxugando lágrimas, vertendo desespêros, aflições, mágoas!...

Natal! Lenda humanizada, humanizada promessa da Redenção, do Amor, do Bem, — eternamente, ansiados, eternamente inalcançados...

Alberto de Macado.

Alegoria

Penumbra.

Ocaso.

Indefinida calma.

Nenhum receio,
nem desejo
ou esperança,
roça,
ou perturba, sequer, a superficie
do lago da minha alma.

E, no entanto, é verde
a côr das águas
do misterioso lago,
de que venho falar.

Verde e pálida,
como a água morta e inerte
de certos olhos virgens de mulher.

Adiante, Adiante,
é inútil perder-me a divagar.

Ainda não disse,
quem sou, nem ao que vim.

Quem serei, afinal?

Interrogo-me,
e não sei dizer quem sou!

Talvez aquele esbelto cavaleiro
que pelejou em mais de cem batalhas,
errou pelas estradas mais remotas,
e, ainda donzel, fez parte
das peregrinas, legendárias frotas
dos portugueses.

Quanto ao que vim...
Alguém piedoso,
(a morte, ou a vida?)
Vela os olhos do mistério.

Porém, o cavaleiro de quem falo
nesta meditação,
adormeceu na sela e deixa-se levar
aonde o seu corcel, a morte, o conduzir.

Numa noite espectral, cruzando-se com ele
o passado e o seu cortejo de remorsos,
chegou aos seus ouvidos uma voz,
vinda através do tempo e da distância,
que sabia a saúde, a ser feliz, a infância,
e era talvez a voz da sua mãe,
dum reflexo da sua própria alma,
ou de ninguém.

E a voz disse:

— Volta a percorrer aquela estrada,
ribeira de oiro ao sol,
marginada de rosas, giesta e mal-me-queres,
onde, em outubro, havia um cheiro a mosto
e a vinho

que embriagava:
e onde certa donzela,
que em seu olhar trazia a sede e a fome
do teu olhar,
murmurando o teu nome e num sorriso,
para te ver passar se debruçou.

Por única resposta,
o cavaleiro perguntou:

— O que me importa o sol, a giesta e as
rosas,
a graça fina e ágil das mulheres,
ou a alegria efêmera do vinho?

E seguiu impassível o caminho
que ante os seus olhos se abria,
êsse caminho impossível
que infinitamente se alongava,
e tinha seu principio e seu fim
junto do lago de águas verdes, profundas,
— donde se não partia
e onde se não chegava.

A M É R I C O D U R ã O .

ITINERÁRIOS

Do Dr. Américo Durão.

(Uma Ceia de Consoada)

Desde o outono, o vento de ssbrido apenas deixava amansar a cólera açoitadora quando os rôlos das névens encrespadas se desfaziem em aguaceiros fortes. Tinha corrido as vindimas empastadas de água, e o milho, recolhido à pressa nos alpendres e sequeiros, como não houvera esmola de sol para o destender nas eiras e lajes, dera apenas o mau pão ensaibrado, e apodrecia. Mas então o Dezembro ainda viera de mais afeiada catadura. Pela Santa Luzia, o céu, como em bocejante repouso de sua dura inclemência, apparecera clareado e fagueiro, a vista limpa no largo horizonte de rara pureza azulina, o sol saíra rompendo e subira, em visita aos casais, fazendo enovelar-se dos colmos enchumagados da invernia o incenso do fumo leve; e debruçar-se pelos muros, recobertos de heras e limos; a oirer os braços despidos das árvores, e a sorrir nas águas das pôças. A terra estremecia no conforto do acalentamento doce quando, em mudança brusca, névens baixas vieram a assalteá-lo e à hora do crepúsculo floccos começaram a desprender-se, lentos e constantes, e o nevão, deslumbrante de alvura, com refrações sangrentas e vivas, emplumou as árvores, amortiou os casais, cobriu as leiras e os caminhos, por onde, enregelados e transidos, os rebanhos demandavam o aprisco. Todo o dia daquela véspera de Natal a chuva cairá desastinada, em cordas grossas, direitas e inflexíveis — a terra encovada em mar de lama. Por momentos, naquella funda tristeza da vida paralizada, o sulco de um relâmpago chamejava como archote de entêrro, e a voz do trovão, cava e surdamente, agitava-se nos clamores dos fúnebres resposos.

Marcelino e Maria Teresa tinham estado na Igreja a arranjar o Presépio do Menino Jesus, e, ao entrarem, surpreenderam os a cantoria alegre da velha Josefa, que ouviam, tãda açodada, mexer-se e remexer-se na cozinha.

Ainda bem — ponderou brandamente Marcelino — que a nossa dedicada companheira não perdeu o bom sestro de respeitar os costumes tradicionais. Para ella, em sua alma enlevada em tanta recordação, sempre o comer desta noite possui outro sabor mais fino, e as mesmas batatas, os olhos de couve, as postas de bacalhau são soberbas iguarias de uma ceia risonha!

E logo ella appareceu, acurvada, e risonha no seu afogeuamento do lar, os cabelos brancos enfarruscados das faúlas, as mangas arregaçadas, naquelles ralhos de boa graça, costumada expressão, jovial e enternecida, da sua maternal amizade e vigilância de serva

— A ceia está quasi pronta — mas a menina Maria Teresa ainda não teve tempo de pôr a mesa, e o menino sr. Abade parece não querer este ano dar-nos a honra de vir, na noite de Natal, cheirar as panelas e mandar acender e queimar um bom cêpo.

— Sempre vai estar uma noite... — lembrou, com piedade comovida, o Padre.

— Deixe lá o mau tempo, que é lá fora. A noite de Natal é em casa, e em casa é a paz do Senhor que dá o bom tempo. Vamos mas é a isto. E os dois irmãos ficaram contentes. Marcelino foi à cozinha — para ser agradável à boa velhina — e Maria Teresa

os melhores pratos, os talheres de prata, o candieiro grande e dois castiçais, arranjou as jarras com flores — pobres flores as dêsse inverno! — e ramos de azevinho, as compotas de doce, as travessas de mexidos e rabanadas, deitou o vinho do Pôrto na garrafa de cristal, preparou a brazeira, limpou os móveis, deu um ar de gala a toda a sala, a pequena sala de jantar do presbistério, com a sua mesa pesada e severa, o armário antigo de castanho, os plintos e os vasos de barro vermelho aos quatro cantos, os frisos das maçãs ao longo do tecto de caixão. A luz acêsa, na verdade, havia a alegria de festa, clara, simples e íntima. Mas já, agora, a Josefa empurrava o Padre fora da cozinha e chamava Maria Teresa para a ajudar a tirar o cozido:

— Para a mesa, meninos, para a mesa, que é ceia de consoada.

Havia também o lugar para a Josefa: ella só vinha sentar-se mais tarde, depois de servir todos os pratos, mas comia ali com elles, naquela noite, em que todos devem sentir o conforto de sua familia. As duas travessas de cozido tradicional appareceram, com uma a Josefa, com outra a Maria Teresa, e esta e Marcelino tomaram os seus lugares. O fumo da comida, elevando-se e envolvendo a luz, fez sôbre a mesa uma ligeira e adelgada névoa, como essaquae, pelas manhãs claras, marca discretamente a sinuosidade dos rios. Uma névoa de saúde passou também por aquellas duas almas — sôzinhas no mundo. Desde que Marcelino fôra curar a freguesia, suas obrigações sacerdotais e paroquiais tinham-nos obrigado à consoada solitária. Mas, noutro tempo, recordavam com alegria Pai António e a Mãe Curseira. Agora, tudo findara: a Mãe Curseira poucos dias sobrevivera ao marido, e êsses poucos, doente e em casa do filho Joaquim, que para lá a quizeram levar, talvez mais no interesse de fixar predomínio nos bens, do que por devoção filial.

Mas, nisto, *trupe-trupe* — bateram a porta.

— Nossa Senhora — logo exclamou Maria Teresa — por uma noite assim!

Padre Marcelino pôs-se extremamente pálido: chamar de noite o senhor Abade... nos seus lábios passou uma breve Avé-Maria.

Tornaram a bater, mas já a pobre Josefa acudia, assarapantada. Um homem alto, sêco e ósseo, a face limpa de barba, grandes lunetas de tartaruga fazendo ainda mais vivo e faísco o olhar agudo e decidido, a fronte escampada, o cabelo engrenhado e levemente encanecido nas temporas, másculo e elegante na sua um tanto exótica simplicidade, a capa de borracha a pingar água, irrompeu com afan e desembaraço, a chamar, num meio grito abafado de casquinadas e de lágrimas felizes:

— Por Deus! senhor Dom Abade —, abrigo ao naufrago dêste imenso e pequenino vale de tristezas e de lama... e um prai na mesa, que venho a criar de fome.

O Padre levantara-se, mas dois braços estreitavam-no herculeamente, sem que pudesse ainda ter visto quem, inesperado e brusco, assim o procurava, e lhe invadia a casa, e alvorçava a ceia tranqüila e íntima, quando elle já, entregando a mala, se virara para a criada

— Velha, eterna e doce Jo-

SONETO

Rezo o teu nome, devagar, cantando
Humildemente as sílabas que tem,
E rezando o teu nome o vou amando,
Por êle ser o nome do meu Bem.

Devagar, brandamente, o vou rezando...
Tão brandamente o rezo, que ninguém
Pode saber-te o nome, mesmo quando
Em sonhos digo as sílabas que tem.

Rezo o teu nome, rezô, devagar,
Como quem tem receio de acabar
Benéfica e santíssima oração...

Ninguém consegue ouvir-mo! E, no entanto,
Quanto mais baixo o digo, e canto,
Tanto melhor mo escuta o coração!

ALFREDO PIMENTA.

sefa, abra, ponha e disponha
— são ostras e perdizes, ananazes e pasteis, vinhos espumantes e licores, e um ramo das mais lindas rosas de inverno.

Maria Teresa, que o estivera fixando com sobressaltado anseio, ao atentar-lhe na voz, quis erguer-se, mas recaiu na cadeira, fria e lívida. Passou a mão pelo rosto, gemeu um suspiro.

— Há vinte anos, Marcelino, há vinte anos! Ias dizer a tua primeira missa, e eu, depois de ter estado, os anos durante os teus preparatórios, fechado no sótão a estudar, no preparo, também, para o salto à vida, parti... parti, mas disse-te: — Vou para tornar, e é mesmo para tornar que eu vou.

Marcelino, a rir e a chorar, assentava-o à fôrça, no lugar destinado à Josefa, ao lado de Maria Teresa

— Milagre do Senhor! Pois és tu, meu rapaz, meu amigo, meu vizinho, meu irmão! — o filho do Sirgueiro — lembras-te, Maria Teresa?... E's tu — e em noite de Nial! Louvado seja Deus, que me alegrou assim a ceia de consoda!

Só então, sem palavras, Maria Teresa e o hóspede se cumprimentaram — e as suas mãos estiveram um leve momento unidas. A Josefa trouxera duas novas travessas de cozido, e mal disfarçando ela também as lágrimas, reprimendou:

— Agora, tornem a deixá-lo arrefecer. Este grande diabo — o Senhor me perdoe! — foi sempre assim. Já lá em casa, quando moravam porta com porta — e o Farinheiro e o Sirgueiro davam-se como velhos compadres — era o cão dele que saltava pela janela e vinha pôr em fanicos quanto eu arranjava.

— Veja lá o que é o mundo, senhora Josefa! E, a êsse tempo, eu congeminava o mais profundo dos problemas humanos — ser pobre ou ser rico, boémio do ideal ou honrado comerciante da nossa praça, cultura do espírito ou substancioso lombo de porco.

— Mas... quando chegaste de Africa?

— De Africa cheguei ao Brasil quatro anos depois que desembarquei em Africa. A vida não me corria bem, ali, no marasma da falta de iniciativa e no retraimento do capital. Eram, então, os tempos mais difíceis, e outros, e eu, que tinha muita pressa — e nem tôdas as vezes a pressa é má conselheira —, só dispunha de iniciativa — boa vontade, e do capital — energia. No Brasil enfrontei corajosamente as peores situações e converti a resolução firme em método de trabalho. Agora do Brazil a Portugal, com meia dúzia de vinténs suficientes para o meu plano, que volta a ser da mais doce poesia, voltei ontem mesmo. Fui ver, mal desembarquei em Leixões, e a necrópole da nossa rua, onde viveu, trabalhou e morreu o meu Pai,

onde viveram e passaram o Pai António e Mãe Curseira — deixem-me que lhes chame assim também, por que assim os tratava de mim para mim nos vinte anos do meu exílio —, alumiado pela bendita luz de esperança nesta hora. Vê, sinhô, cómo sê cantá qui nem cigana, uai!

Todos riram e a ceia correu num enlêvo de infável contentamento: vieram os bolinhos e os grelos, o bacalhau assado e as ervas, e tôdas as saborosas iguarias, de que vinha fornecida a mala.

— Vinte anos! Estamos a chegar — dizia o Marcelino — ao declínio da vida. Pois, meu velho, eu por cá me fui remediando com a sentença de S. Jerónimo: *Sacerdotium et humiliores facit et pauperes*. E tu, meu estremecido amigo: o honrado pé-de-meia, mulher, filhos...

— Ahn! Que maluquejas, homem do Senhor? A mode qu'ocê stá di fébrão sabê si vi pátaca? Oia ouça — qu'ê qu'ocê tem chêra meu azã? Tch! Quem emigrou foi o rapazinho adolescente, que pretendia haver dos bens em giro louco apenas o bastante para construir o seu lar. Mas o moço poeta não o levei comigo — êsse ficou es empre cá esteve. Não digo bem, menina Maria Teresa? Ah! perdoe-me — mas a Josefa também lhe chama assim. Deixe-me ter êste privilégio do nosso velho conhecimento. Por lá, bastava-me o sabiá ou o sinistro urubú.

E Maria Teresa sorria — mas era tam emaciado e triste o seu sorriso... Uma névoa de lágrimas, muito suave, esfumava-lhe como em irrisação de sonho a visão das coisas. Via as faces daqueles dois homens, um com quem repartira a vida, outro, a quem dera o coração; via-se a si mesma ao péso de tantos anos de resignação e abatimento, já gasta e envelhecida; e via as duas luzes das velas, nos castiçais de prata, derramando sôbre aquela mesa de ceia uma luz de saúde, não já de alguém, mas talvez de si própria e do passado — e não era, não, a luz erguida das velas do altar, quando os noivos ajoelham e a estola do sacerdote une os seus destinos, como o amor unira os seus corpos e as suas almas.

Marcelino contava as suas ingenuas memórias de pastor, trabalhos forçados de tôda a vida pela migalha escassa do pão, o lavrador era o mais humilde, o mais sofredor e o mais desamparado. A vida absorvente de prégador tomara-lhe muito tempo e exigira-lhe sérios cuidados. E dizia-lhe como da orivesaria dos discursos floridos, com vibrações retóricas, entoando declamativamente pelas naveas, e do enxadrezamento das citações

eruditas, a esmaltarem o texto, êle se fôra aproximando, não sem longo esforço e maiores trabalhos, da simplicidade do ensinamento apostólico, e como, ao contacto com a agonia de vida, que é tôda a vida dos pobres, êle procurava reacender a luz, quasi extinta, e refalsadamente adulterada e mentida em vários textos à moda e da moda, da verdadeira doutrina de Cristo. Assim, o seu *Ensaio*, estava ainda incompleto: êle queria, em dois novos capítulos, versar o renascimento da oratória sacra, depois de *Quental* e de *Vieira*, com os principais sermonistas dos fins do século XVIII, e tôda a evolução operada no seguinte, marcando, sobretudo, algumas figuras, que lhe eram predilectas, como *Silveira Malhão*, *Alves Mendes*, *Aires de Gouveia* e *António Cândido*, na sua rápida transição pela tribuna sagrada.

O hóspede abriu uma garrafa de Champagne e encheu as taças.

— Não é verdade, Maria Teresa, que eu voltei? Pois vamos beber à saúde de nós todos!

Na cozinha ouviu-se a voz do *Giribanda* e da mulher. Era da praxe êles virem comer da ceia e era da praxe o Marcelino ir servi-los.

— Um momento de licença. Então o homem levantou-se. Maria Teresa ergueu-se também. E, tomando-lhe afectuosamente as mãos, voltou a dizer-lhe:

— Pois não é verdade, Maria Teresa, que eu voltei? Quis tornar a ver a luz da minha pátria — e a luz da minha pátria eram os seus olhos. Fui por sua causa, voltei por amor de si. Posso pedir ao Marcelino a sua mão?

Maria Teresa encostara-se ao alisar da janela. Seus olhos cerraram-se. No fundo amargo da memória, acudiu-lhe a lembrança da noite das estrêlas, quando ela sentira sua luz descer e poisar-lhe nos lábios como beijo puro de amor, que a fizera mulher. Mas — essa luz apagara-se. A fôrça da saúde era tamanha, que, na sua lava incandescente de vulcão da alma, a devorara, se extinguiu em sofrimento. A sua felicidade estava naquele minuto — tam lindo e tam breve! — sentir e saber que tinha sido amada. Tomou-lhe ela, então, as mãos, achegou-as ao peito como se as levara à sepultura do seu coração, e com voz comovida, mas firme, respondeu-lhe:

— Obrigada. Também eu o amei sempre. Foi a esperança e a fé nesse amor, que era o seu amor e era o meu amor, a vida de tôda a minha vida. Vivemos, afinal, sempre juntos. O senhor, longe, a trabalhar, pensando em mim. Eu pensando sempre em si nas eternas noites desoladas do presbitério, à mesma luz do candieiro, em que o Marcelino consumia suas vigílias rezando e trabalhando e estudando. Foi êsse o casamento, verdadeiro, das nossas almas. Mas foi, em muito, êsse meu sacrificio que salvou o Marcelino, enquanto o homem lutou contra o homem, dentro da sua carne e do seu carácter, como sacerdote honesto e virtuoso. Sofri muito, muito... Não posso, nem sei dizer-lhe quanto sofri. Mas — é tarde.

— Nunca é tarde. O casamento ou aos dezóito ou na nossa idade.

— E' tarde para mim. Agora, não. Não me leve a mal, perdoe-me — mas é que, em mim, a mulher já morreu. Não posso dar-lhe mais do que tudo quanto lhe dei, em espírito e em saúde. E não devo abandonar o meu irmão. Há vinte anos que vivemos juntos e sofremos juntos a nossa tam sombria e fria solidade.

— Então, meu velho — já vinha dizendo o Marcelino — não vai a chicara do café?

Tu ficas esta noite, não é assim?

E, sem dar tento à comoção pálida, enorme, daquelas duas sombras esvanecidas de dois seres humanos, cujas almas penadas de amor ali tinham vindo, em piedosa romagem de além-túmulo, comungar a ceia de consoda, logo riu do melhor grado:

— Então a velha Josefa não ceia?! Olha, meu velho, aqui tens tu como a felicidade é egoísta e má. Enxundiamo-nos de recordações gratíssimas e acepipes saborosos, e logo varremos de nós a lembrança dos outros, que trabalham e penam.

Sentada a velhota à mesa, começaram a tomar o café. Marcelino consentira-se a extravagância de uma colherinha de velha aguardente caseira. Na cozinha, o lume ria e riam, estalando, as facécias do *Giribanda*, em quirié às ladainhas da mulher e aos atropêlos folgasões da filha.

— Sim, prosseguia o Marcelino, porque está uma noite horrível.

Então o homem levantou-se, e abriu a porta da janela. A tempestade serenara, a noite era calma, haviam-se desfeito as nuvens, e a lua, clara e intensamente, alva, branda e límpida, descia e recobria de sua luz de prata os casais, as árvores e os campos.

— Achas, então, horrível — a singular beleza desta noite?...

— E' noite de milagres... sorriu o Padre.

— Noite de estrêlas e de luar, disse o homem. Noite imensa e profunda. Foi a noite da sua pátria que o exilado aportou. Trazia nos olhos a cegueira da ardência do sol, o sol calcinante da vida — e já a vida era passada e morta. Por isso, seus olhos atônitos e encandeados, não enxergaram, no céu, o rumo do destino. O Marcelino, aponta-me qual destas estrêlas guiou os Magos ao Presépio do Homem, que se deixou crucificar por amor dos homens...

E levantando-se da mesa, entregou a Maria Teresa o formosíssimo molho das rosas de inverno.

— Tenho de voltar a partir.

— Como, pois voltas já?

— Sim, agora é que vou, porque só agora é que vou... para não mais voltar. Vim ver se encontrava a outra parte de mim mesmo, que deixara cá ficar. Mas, a nossa rua, a rua lajeada e soturna do velho burgo, era a via dolorosa, já erma e fria, como a dos cemitérios, entre os jazigos mudos. Não a encontrei, ou ela não quis reencontrar-me. Tôda a poesia morre ao frio dos anos — e por isso a velhice estéril é concentrada e dura.

— Rapaz — clamou o Marcelino —, amigo meu!

— Teu amigo de rapaz, vosso leal e fiel amigo até à morte. Nem sabes o encanto alegre e profundamente doloroso desta noite. Levo a tam pegada ao coração, como quando saí — para voltar —, a querida lembrança do descer das escadas da vossa casa... quando ela era a vizinha do meu coração. Então descia, moço sonhador, para subir à vida; hoje deixo-vos no vosso presbitério, como quem veio receber a extrema-unção, para descer à morte.

Maria Teresa encostara-se à mesa, exausta, quebrada, sucumbida de palidez cadavérica. A névoa de lágrimas havia-se descerrado, e seus olhos tinham o estranho fulgor dos últimos lampejos. Neles parecia vibrar sua alma inteira.

— Marcelino: um abraço. Fiz, agora mesmo, uma promessa, de cujo exacto cumprimento encarrego a tua honra. Eu te mandarei, para isso, em regra, tudo quanto é preciso.

— Mas, o homem danado, ou fantasma!...

— Maria Teresa... Maria Teresa! Adeus.

Canção da jumentinha do Presépio

*"Pela vontade de Deus
Que ajusta os injustos fados,
Há seres bem rasteirinhos
P'ra altas coisas fadados.*

*"Pedro, um rude pescador
De viver triste e precário,
No fim da vida foi Papa,
De Deus na terra Vigário.*

*"Eu, por mim, jumento humilde,
Da mais baixa condição,
Olho as águias sem inveja,
Não tenho inveja ao leão.*

*"Pertencendo a um judeu velho,
Em Belém, na mangedeira,
Conheci por companheira
Uma bezerrinha loira.*

*"Vivíamos num curral
Miserável, negro e imundo,
Mas que veio a ser depois
O maior trono do mundo!*

*"Uma noite, à meia-noite,
Num esplendor nunca visto,
Ao pé de mim, vi nascer
Nosso Senhor Jesus Cristo.*

*"O curral encheu-se de anjos
De finas túnicas brancas
E de asas resplandecentes
Que me roçavam p'las ancas.*

*"Mas Jesus que, por amor,
Sendo Deus, homem quis ser,
Quis, uma vez humanado,
Como um homem padecer;*

EUGÉNIO DE CASTRO

E, num largo sorriso, para o Marcelino:

— Velho cura de almas, tu, que tens assistido a tantas alegrias loucas e desalentados trespasses — sabes tu o que é a mentira da vida, se não é a própria vida, que se ilude, amortalhando-a nos votos — do desprenhimento e na abnegação da morte?! Obrigado pela tua ceia, obrigado por esta hora... E não estejas de má carranca. Tenho, perto, um cavalo e criados.

Maria Teresa saiu à saleta. Ele desceu, rápido e firme, as escadas. No adro parou, um momento. A sombra, ao luar, da cimalha da Igreja, da torre sineira, da cruz do frontal, recortavam-se nas lajes húmidas e emusguecidas. Pareceu camaleão, de sufocado ou de tonto. E Maria Teresa lembrou-se das palavras augurescas do Fradinho em sua silva: — «O primeiro efeito do amor he ferir o coração. Feriste-me, minha querida alma; feriste-me, meu coração, sinal certo de vos amar muito...»

E as lágrimas desciam-lhe amargamente dos olhos cansados. Depois, a voz do homem, quasi em segredo, veio, atravessando a luz argentea do luar, tam límpido e macio

— Adeus, adeus, Maria Teresa...

Eduardo d'Amoia.

Bombeiros

Aquele caso dos Bombeiros, do qual algumas vezes nos temos ocupado e do qual constantemente se deve falar cá pela cidade, continua sem solução. Pena é que assim aconteça, porque um silêncio tam aturado como êsse que diz respeito ao referido caso — isto por parte da illustre Direcção — dá motivo a que algumas pessoas façam juízos menos verdadeiros, quando é certo que nenhuma causa deve haver nesse sentido. O que há — e é à volta disso que gira tôda a questão — é a falta de cumprimento de uma disposição legal dos respectivos Estatutos, cremos que sôbre a prescrição de contas.

Portanto, mais ou menos ne-

*"E ali, naquele curral
Sem telhas, velho e sombrio,
Sôbre as palhinhas deitado
Tremia, roxo, de frio.*

*"Ao vê-lo então tiritante,
Nusinho, sem um abafo,
Abaixando o meu focinho,
Aqueci-o com o meu bafo.*

*"E Jesus, que teve amor
Aos brutinhos desde então,
Riu-se p'ra mim consolado,
Fez-me uma festa co'a mão.*

*"Maior glória me exaltava
Que a de Alexandre ou Dario.
Nenhum deles aquecera
Como eu um Deus com frio!*

*"Por Jesus, desde êsse dia,
Nesta vida transitória
Dado foi aos mais humildes
Alcançar a maior glória.*

*"Jesus, alto justiceiro,
Distribue justiça a todos,
Faz ao lado baixar astros
E aos astros levanta os lodos!*

*"Numa c'roa de rainha
Os rubins não luzem tanto
Como o seixinho pisado
P'lo pé descalço dum santo!*

*"Diademas não são apenas
Dos reis ornamento vão:
Pobresinhos há, bem pobres,
Que os trazem no coração!"*

gligência por parte de quem de direito, por que, de resto, ninguém duvidará da honorabilidade das pessoas que lá dentro desempenham qualquer cargo de Direcção. Mas essa razão é aquela que nós consideramos mais melindrosa, exactamente por que sabendo essas pessoas que são tidas como tais e, consequentemente, dignas de consideração e de respeito, não deviam protelar por tanto tempo a solução dum caso que envolve o seu nome digno e honesto. E se não há motivo para se dizer que anda *caveira de burro* lá pela Corporação, igualmente motivo não há para que não se tenha dado uma satisfação à opinião pública, onde se encontra quem faça justiça, mas, a par disso, encontra-se também quem a não faça. Como se vê, não se trata de procurar comprometer a dignidade alheia, mas, pelo contrário, trata-se de pôr acima de tudo essa mesma dignidade e com ela a *honra do convento*... Em face de tão clara observação dos factos por nossa parte, apenas lamentamos que tudo continue a correr como dantes, quando uma simples reunião da Direcção poderia liquidar o assunto de uma vez para sempre e assim se arrumaria este mal-fadado e impertinente *matraquear de Bombos!* Como dizemos, a dignidade das pessoas que intervêm no caso não é prejudicada no conceito que delas fazemos, mas devemos ter em vista que há sempre quem desdenhe. Ora, para que nem bem nem mal intencionadamente se continue a discutir por mais tempo a questão dos Bombeiros Voluntários desta cidade de Guimarães, comece-se vida nova em novo ano. E se assim não acontecer ninguém se poderá queixar da maior ou menor gravidade dos *zuns-zuns*.

Casas Vendem se 8 situa-
das na rua da Li-
berdade, com os n.ºs 62-64, 66-68, e
70 a 74. São livres e alodiais, estan-
do as duas primeiras arrendadas e a
última devoluta, tendo esta um bom
quintal.

Os pretendentes podem dirigir-se ao
sr. Alfredo de Sousa Félix, rua da Re-
pública, para saber as condições da
venda.

Natal e Guerra O TESOIRO DO CEU A melhor esmola Pagina esquecida

PARA onde vai aquele velhinho, quasi tropeço, com um ramo de camélias na mão? Deixai o ir, deixai-o! Reparaí como caminha alheado, aos tropeços, com o olhar fixo a contemplan alguma visão suave que está dentro da sua própria alma, porque tudo o que o cerca desliza nos seus olhos como uma vaga, enorme sombra de crepúsculo...

Aonde é que irá esse velhinho curvado e triste, perto do qual se cruzam os carros vertiginosos, e passam as multidões que não reparam nêlo?

Caminhando sempre, lá vai atravessando as ruas da cidade tumultuosa, cujo rumor lhe chega aos ouvidos como o dum grande vento que passa carpindo nos ramos do arvoredor. Agora vai subindo uma ladeira, mais fatigado e mais triste, apertando sempre o ramo de camélias e violetas.

No alto pára, um pouco ofegante.

Em frente, um largo portão de ferro, e longas grades negras, que fecham um recinto onde há árvores e mármore. É um cemitério.

O velhinho entra, e vai dar a uma sepultura rasa e simples, com uma cruz simples de pedra.

Numa lousa inclinada lê-se em letras de ouro este nome — «Maria Clara». Uma árvore nua debruça-se sobre a sepultura...

O velhinho cobre de camélias e violetas o pequenino jazigo, que fica a contemplar longamente. Os olhos enchem-se-lhe de lágrimas. Os lábios tremem-lhe, a conversar baixinho com a morta. Depois sorri-se, como num enlévo místico...

É que Maria Clara, a sua netinha morta aos seis anos, apparece-lhe nitidamente numa ressurreição maravilhosa, com a mesma graça na boca linda como um cravo, com o mesmo cacho de cabelos loiros como o sol.

E o pobre avô ali fica longo tempo. Sempre, em dia de Natal, éle vai levar a Maria Clara o seu ramo de camélias e violetas! E ela sorri-lhe do sepulcruzinho humilde, como lhe sorria em vida, quando se lhe sentava no colo.

E a tarde vai caíndo. Às vezes um pé de vento esfolha as flores e sacode os ramos, agora despidos, da árvore que, pelas calmas, enche de meiga sombra, como uma carícia, o jazigo daquela criancinha. Mas embora chova, ou a ventania passe como um cavaleiro doido a galopar nas áleas, o velhinho não regressa ao lar sem ter estado a conversar algumas horas com Maria Clara, em dia de Natal.

Que lhe dirá éle da Vida, angustiosa e pérfida? Que lhe dirá éle da Morte, a niveladora eterna e a pacificadora augusta?

Certamente Maria Clara lhe diz que a Morte é doce e amigável... E éle, que conhece o travar e a vileza do mundo, volta sempre do cemitério, depois de a ter ouvido, com um sorriso no olhar...

JULIO BRANDÃO.

Solfejo e Violino

Programa completo do Conservatório. Lecciona o Prof. MANUEL RUIVO.

Falar na Papelaria Oliveira & C.ª R. da República, 11 — GUIMARÃIS

O MELHOR CAFÉ É O DA BRASILEIRA

MOTOR

Vende-se um em bom estado, inglês. Informa P. & Maia, Ld.ª. Rua Paio Galvão — Guimarães. (190)

A Festa do Natal não constitui uma novidade para ninguém, visto que é o próprio calendário que a anuncia ano a ano.

O que algumas vezes se transforma em novidade é aquilo que coincide com a sua celebração, como sucede, por exemplo, no ano corrente. E não são, apenas, as asperezas e a inclemência da estação chuvosa e fria do inverno que torturam aqueles nossos semelhantes que com as maiores dificuldades lhe conseguem resistir, mas são, por vezes, como acontece presentemente, outras contrariedades de maior vulto e que atingem toda a humanidade. Está neste último caso esse monstro chamado Guerra, que tira à Festa do Natal aquele meigo e encantador convívio que é costume verificar-se em todas as famílias. Enquanto por um lado a Festa do Natal mantém como velha tradição a reunião íntima da família, a Guerra, com todas as suas trágicas consequências, não deixa que essa reunião se efective dentro daquelas consoladoras praxes do passado, em que as portas dos lares mais humildes se abriam de par em par para que fossem recebidos de braços abertos e com o coração a transbordar de alegria os entes mais queridos que nessa ocasião procuravam a casinha paterna para ali confraternizarem com a restante família. E então, uma fogueira fora do costume e o fumo cheiroso da rama de pinheiro, que se escapava por entre as telhas negras da choupana, anunciavam a chegada dos hóspedes que ali iam passar umas horas em alegre convívio. Eram os primeiros preparativos para a Ceia da Consoada, que precede o dia consagrado à família. Porém, na hora que passa, a Festa do Natal é abafada pelo troar e pelo fumo do canhão e da metralha, sobretudo na Europa, parte do mundo onde éle é mais característica. Esse flagelo monstruoso, que arrasta a humanidade para o negro do luto e para o martírio do sofrimento, arrasa toda a maravilha do majestoso templo da solidariedade humana e transforma em comovente destruição a mais perfeita felicidade de um lar, desde o mais pobre ao mais rico.

E é precisamente no Natal deste ano que a Guerra assume proporções mais excepcionais.

Esta luita que avassala a Europa, traz até junto de nós o luto e a dor, não porque nos vejamos enquanto envolvidos na contenda, mas porque temos Coração para sentir e Alma para estimular em nós esse sentimento, neste caso o de compartilharmos do luto e da dor em que tantos nossos semelhantes estão mergulhados. Pais que perdem os filhos, filhos que perdem os pais, esposas que perdem os maridos, amigos que perdem os amigos, etc., etc. Perante esse cenário de tão grande tristeza, cujo reflexo se estende até nós, não podemos incluir a Festa do Natal deste ano no número daquelas que temos passado num ambiente de completa satisfação. Pelo menos, que a Providência nos console com a esperança de termos melhor o próximo Natal. Oxalá que assim seja.

Zé da Aldoia.

Plano, Esquentador, Mobília, etc.

VENDE-SE

1 piano vertical, armado em ferro; 1 esquentador "Vacuum", com chaveiro, para quarto de banho; 1 mobília de sala de visitas e diversos utensílios domésticos, tudo em bom estado de conservação.

Tratar na CENTRAL DAS MEIAS — Toural, 2.

EXUMAÇÕES DO PASSADO

GENEALOGIAS...

GALERIA ILUSTRADA DE VIMARANENSES NOTÁVEIS

D

Dionisio da Cunha (P.º)

Seguiu primeiramente a carreira militar, assentando praça no exército, no Alentejo, chegando ao posto de alferes. Porém como o seu estado precário de saúde não lhe permitisse continuar nas fileiras, retirou-se a sua casa. Depois ordenou-se eclesiástico, mas poucos anos viveu.

Tanto no Alentejo como depois em Trás-os-Montes, cujas tropas para ali acompanhou com a patente de capitão, foi sempre arrojado, cometendo acções de valor.

Domingos da Conceição (Fr.º)

Nascido em 1664 professou no convento de Pombeiro e lá faleceu em 1749, depois de exercer vários cargos de destaque em alguns conventos.

Foi um afamado pregador, tendo publicado alguns e coligiu outros, porventura os melhores, que deixou

Edizem que Jesus é pobresinho! Pobresinho, de quê? Dos bens da terra? Se Jesus trouxe a paz ao mundo em guerra E aponta aos homens o melhor caminho!

Mas os homens são maus e sem carinho! E a própria luz do sol de os ver se a terra! E Deus, que é luz de amor que se descerra, Não receia o amargor dum novo espinho!

Que riqueza maior que amar aquela Fonte da Vida, eternamente bela, Que a pureza dos astros ilumina?!

Está longe o Tesouro?... Não importa! É Jesus pobresinho que abre a porta, Quando nossa alma aspira à luz divina!...

Jerónimo de Almolda.

Quinta de Vila-Verde, Natal de 1939.

Sapataria Luso

Os seus proprietários apresentam cumprimentos de BOAS-FESTAS e estão ao dispor de V. Ex.ª nos seus estabelecimentos ou pelo telefone 264.

Donativo à Casa dos Pobres

O sr. Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, residente no Brasil, é um benfeitor que pratica a Caridade em larga escala, não só naquele país como também em Portugal, levando junto daquelas pessoas que são vítimas da infelicidade o fruto da sua expansiva acção benficiente, a fim de que não lhes falte um pouco de carinho e de conforto a suavizarem as torturas da falta de sorte. E sua ex.ª, que dessa forma se manifesta um fervoroso protector dos pobres, dá ao mesmo tempo um exemplo de uma das mais sublimes virtudes que entre muitas outras possui — a de praticar o bem em grau tam elevado. Se todas as pessoas de abastada fortuna tivessem uma pureza de Alma e uma generosidade de coração como tem o sr. Comendador Paulo Felisberto, a palavra miséria deixaria de existir, porque as sobras de uns compensaria a míngua de outros. E Guimarães, que já tinha provas da Bondade e da Caridade de tam devotado benfeitor, acaba de ter mais esta, agora com o seu misericordioso reflexo na Casa dos Pobres desta cidade, a qua sua ex.ª contemplou com o donativo de dois mil escudos e isto simplesmente por que o nosso prezado amigo sr. Mário de

Uma carta

A propósito dum assunto tratado no nosso último número, recebemos mais a seguinte carta:

... Sr. Director

Na carta que V. ... teve a subida gentileza de publicar no «Noticias de Guimarães», de 17 de Dezembro de 1939, relativa à questão da fonte de Ancide, saíu uma «gralha» que deturpa completamente o sentido das minhas expressões. Onde diz, «esta

autoridade, além de não ser escutada, «recusou» abertamente», etc., devia ser, «esta autoridade, além de não ser escutada, «secundou» abertamente», etc. ...

Muito grato pela publicação desta rectificação, confessa-se de V. ... Att.º

Ven.º e Obg.º

Rodrigo Martins de Oliveira e Sousa.

Moreira de Cónegos, 19 de Dezembro de 1939.

ERA Luciano um homem trabalhador, honrado e honesto.

Casara com Maria Adelaide, de uma pobre rapariga do campo, de cujo matrimónio existiam três filhos, todos êles de idade tenra.

Corria-lhes a vida menos mal porque Luciano, ganhando pouco, é certo, mas sendo estranho aos meios viciosos que tanta gente contaminam, conseguia, mercê de hercúleo esforço, com que nunca em sua casa faltasse o pão, e sentia-se muito feliz.

Mas um dia, dia triste em que começava a perturbar-se-lhe a carreira, uma doença pertinaz o acometeu e o pobre homem deixa a pouco e pouco de poder fazer face às despesas da sua casa.

Meses e meses vão desaparecendo na voragem do tempo e Luciano ora trabalhando, ora deixando de trabalhar porque a doença lho não permite, vai vendendo tudo o que tem até ficar na mais extrema miséria.

Pedir não quere, porque a vergonha é grande, e dentro das quatro paredes da sua pequenina casa começam a sentir-se os horrores da fome. Os três pequenos que eram o seu enlévo e que êle tanto estimava, tinham estampada no rosto macilento a prova terrível da falta de alimentação.

Dia de consoada; vinha a noite cobrindo a terra com o seu manto de sombras. O pobre Luciano a um canto, cabeça entre as mãos, pensando na miséria que o cerca, aguarda a chegada de Maria Adelaide, que tinha ido à lenha, para o monte. Os pequenitos pedem-lhe pão. Ele fita-os com ternura, e com uma dôr profunda a dilacerar-lhe o coração responde-lhes: Não o tenho, meus filhos! E dois fios de lágrimas escaldantes se lhe despegam dos olhos...

Não chore, paisinho, dizem os pequenos. Alguém bate à porta, nessa altura. Levanta-se a custo, enxugando as lágrimas que ainda lhe correm pelas faces, supondo ser a esposa que regressava. Não era. Era uma pessoa amiga e muito caritativa com um grande acafeite coberto por uma toalha branca como neve. Pede licença para entrar e começa a despejar o açafate repleto de pão, bacalhau, batatas, uma garrafa de vinho, etc.

Não pode descrever-se o contentamento do pobre Luciano. Entre sorrisos e soluços cai de joelhos diante da benfeitora e de mãos postas agradece-lhe comovidamente.

Chega a esposa, êle corre para ela e diz-lhe: — olha, mulher, o que aqui temos. A Mariquinhas da Igreja trouxe-nos isto tudo! Se não fora ela nem pão tínhamos no dia de hoje, dia de consoada, de consoada triste como nunca tiveramos. A mulher chora convulsivamente!

Não chores; prepara a ceia que tens com quê. Deus não esquece os infelizes!

Preparada a ceia comeram até ficar satisfeitos e então já os pequenos saltavam de contentes!

... E não foram deitar-se sem que louvassem a Deus e lhe pedissem que lançasse uma cornocópia de graças sobre a sua grande benfeitora Mariquinhas da Igreja!

A melhor esmola não é a que se dá àquele que se leva de porta em porta, mas a que se leva ao domicilio do pobre envergonhado!...

C. R. C.

Manuel de Azevedo Negro e de sua mulher D. Isabel Maria de Azevedo.

Duarte Ferraz Machado (P.º)

Comendador da Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa, foi conselheiro de S. Magestade. Escreveu sobre o Juri em que se analisa a história e teoria desta instituição — *Comentários sobre a legislação criminal que organizou o júri.*

Duarte Sande (P.º)

Foi jesuíta muito erudito, entrando para a Casa professa de S. Roque, em Lisboa, no ano de 1562. Exerceu o lugar de professor (mestre) de Retórica, na Universidade de Coimbra.

Em 1578 partiu para o Oriente em serviço missionário, sendo reitor do Seminário de Beçaim. Esteve alguns anos em Macau, donde escreveu algumas cartas, entre elas uma em Setembro de 1588 dirigida ao Procurador Geral da Companhia de Jesus em Portugal na qua tratava da missão da China, depois escreveu o *Itinerário dos principis japoneses que foram numa embaixada ao Papa Gregório XIII*, narrando o que lhes aconteceu até serem restituídos às suas terras e escreveu e publicou mais o *Catecismo Chintense.*

Continua.

P.º Alberto Gonçalves.

Domingos Leite de Castro

Nascido a 13 de Dezembro de 1846, era filho de António Leite de Castro e de D. Ana Emilia da Costa Vaz Vieira, tendo casado com D. Maria Rita de Castro Sampaio. Foi um dos fundadores da Sociedade Martins Sarmiento, da sua terra natal.

Escreveu em alguns jornais locais e noutros noticias arqueológicas de um certo merecimento. Foi Provedor da Misericórdia de Guimarães, desde 1887 a 1894.

Faleceu em Crámore em 10 de Novembro de 1916. Muito metecuo dos seus conterrâneos, pois nunca deixou de engrandecer a sua pátria nativa.

Domingos José de Freitas e Sampaio (Dr.)

Foi secretário da Academia Literária vimaranense e poeta muito apreciado.

Domingos Vieira de Lima

Foi chanceler da Sé da Baía e um dos povoadores dos sertões baianos. Era filho bastardo do coronel António Vieira de Lima e casou com D. Leonor Josefa Sutil de Menezes, filha de

aquele fontezinha rústica, a que andam abraçadas as mais suaves recordações da minha infância, — veio espalhar em seu cântico, e frescor enlevante, debruçada da agreste ladeira campesina, na fraterna vizinhança de malmequeres e violetas bravas, e de singelas madressilvas que, nos alvôres da Primavera, a cobrem da bênção aromática da sua flor.

A seu lado talhou o campo-nês uma larga pôça, logo cingida de tenras ervinhas, ansiosas de carinho e de ternura vicejante, e que breve se tornou em fulgido espelho do sol, das estrelas e do luar: toalha de águas tranquilas, em que o céu e a paisagem se retratam; as rãs coaxam, amorosamente, nas mornas tardinhas estivas; e as morenas lavadeiras batem a roupa, cantando, para entretecer de graça e alegria efêmera o rude amanho de suas obrigações.

E como buscou morada em sitio aprazível para enleio dos olhos e do coração alanceado de penas e cuidados, as avezinhas gostam de vir para ao pé dela tecer a renda melodiosa do seu gorjear; e ali quedam, às vezes, as almas enamoradas, a desfiar o rosário encantado de suas ilusões, enquanto o delgado fio de água salta no bojo da cantarilha, jovialmente a cantarolar.

E como essa fontezinha rústica fica à beira de amenos caminhos da nossa aldeia, os pobrezinhos que vêm de longe, perseguidos pelo destino amarguroso, cheios de pó e desganhos, ali páram a amolecer as duras côdeas de pão, e a matar a sede das ásperas jornadas, — que a sede de ventura, essa, por certo, jamais a matarão em seu triste e resignado viver...

Humilde e sublime o destino daquela trança de água, que depois de a ter feito cantar na sua tósca bacia de prata, nas mãos ágeis das lavadeiras, no escuro barro de formas caprichosas, na bôca sedenta do caminheiro e no lar obscuro do cavador: ainda a levou a bailar pelos campos fora, em busca de outras sedes, a procura de outras canseiras, louca, insatisfeita, aos beijos e aos abraços, perdida de amores pela terra, seu berço e sua sepultura: da terra fluindo, em graça humilima; na terra vivendo suas doces horas de esperança, o manso embalo do seu sonho de muito amar; e pela terra se deixando morrer, aos poucos, lentamente, para voltar ressurgida nos benignos anseios do húmus criador...

Bem pertinho do lago brilhante onde canta a linfa da alegre fonte, já eu vi em certo dia, — há muito perdido nos longes quiméricos de um passado guarnecido de orquídeas e de giestas floridas, — uns meigos olhos desfolharem as pétalas doloridas de uma Saúde infinda: benditas lágrimas que vieram cair-me, e ainda hoje trago doceamente recolhidas, no escriptorio de lembranças do meu coração... E por isso que eu te recordo sempre enternecidamente, ó lírica fonte de meus affectos, ingénua fonte dos ternos pensares meus: e também porque és linda, e bondosa, e feiticeira, na suprema aleluia da tua graça benfazeja, no dócil cântico do teu muito bem-querer: e também porque a tua água é boa, e cristalina, e pura, como a alma cândida do meu primeiro Amor...

Quando a Saúde passa...

Salvador Dantas.

Rosa Pereira de Almeida

Rua do Dr. Avelino Germano.

Flores, Coróas, Palmas, Ramos

Todos os trabalhos no género.

Manuel de Azevedo Negro e de sua mulher D. Isabel Maria de Azevedo.

Duarte Ferraz Machado (P.º)

Comendador da Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa, foi conselheiro de S. Magestade. Escreveu sobre o Juri em que se analisa a história e teoria desta instituição — *Comentários sobre a legislação criminal que organizou o júri.*

Duarte Sande (P.º)

Foi jesuíta muito erudito, entrando para a Casa professa de S. Roque, em Lisboa, no ano de 1562. Exerceu o lugar de professor (mestre) de Retórica, na Universidade de Coimbra.

Em 1578 partiu para o Oriente em serviço missionário, sendo reitor do Seminário de Beçaim. Esteve alguns anos em Macau, donde escreveu algumas cartas, entre elas uma em Setembro de 1588 dirigida ao Procurador Geral da Companhia de Jesus em Portugal na qua tratava da missão da China, depois escreveu o *Itinerário dos principis japoneses que foram numa embaixada ao Papa Gregório XIII*, narrando o que lhes aconteceu até serem restituídos às suas terras e escreveu e publicou mais o *Catecismo Chintense.*

Continua.

P.º Alberto Gonçalves.

Manuel de Azevedo Negro e de sua mulher D. Isabel Maria de Azevedo.

Duarte Ferraz Machado (P.º)

Comendador da Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa, foi conselheiro de S. Magestade. Escreveu sobre o Juri em que se analisa a história e teoria desta instituição — *Comentários sobre a legislação criminal que organizou o júri.*

Duarte Sande (P.º)

Foi jesuíta muito erudito, entrando para a Casa professa de S. Roque, em Lisboa, no ano de 1562. Exerceu o lugar de professor (mestre) de Retórica, na Universidade de Coimbra.

Em 1578 partiu para o Oriente em serviço missionário, sendo reitor do Seminário de Beçaim. Esteve alguns anos em Macau, donde escreveu algumas cartas, entre elas uma em Setembro de 1588 dirigida ao Procurador Geral da Companhia de Jesus em Portugal na qua tratava da missão da China, depois escreveu o *Itinerário dos principis japoneses que foram numa embaixada ao Papa Gregório XIII*, narrando o que lhes aconteceu até serem restituídos às suas terras e escreveu e publicou mais o *Catecismo Chintense.*

Continua.

P.º Alberto Gonçalves.

Manuel de Azevedo Negro e de sua mulher D. Isabel Maria de Azevedo.

Duarte Ferraz Machado (P.º)

Comendador da Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa, foi conselheiro de S. Magestade. Escreveu sobre o Juri em que se analisa a história e teoria desta instituição — *Comentários sobre a legislação criminal que organizou o júri.*

Duarte Sande (P.º)

Foi jesuíta muito erudito, entrando para a Casa professa de S. Roque, em Lisboa, no ano de 1562. Exerceu o lugar de professor (mestre) de Retórica, na Universidade de Coimbra.

Em 1578 partiu para o Oriente em serviço missionário, sendo reitor do Seminário de Beçaim. Esteve alguns anos em Macau, donde escreveu algumas cartas, entre elas uma em Setembro de 1588 dirigida ao Procurador Geral da Companhia de Jesus em Portugal na qua tratava da missão da China, depois escreveu o *Itinerário dos principis japoneses que foram numa embaixada ao Papa Gregório XIII*, narrando o que lhes aconteceu até serem restituídos às suas terras e escreveu e publicou mais o *Catecismo Chintense.*

Continua.

P.º Alberto Gonçalves.

Manuel de Azevedo Negro e de sua mulher D. Isabel Maria de Azevedo.

Duarte Ferraz Machado (P.º)

Comendador da Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa, foi conselheiro de S. Magestade. Escreveu sobre o Juri em que se analisa a história e teoria desta instituição — *Comentários sobre a legislação criminal que organizou o júri.*

Duarte Sande (P.º)

Foi jesuíta muito erudito, entrando para a Casa professa de S. Roque, em Lisboa, no ano de 1562. Exerceu o lugar de professor (mestre) de Retórica, na Universidade de Coimbra.

Em 1578 partiu para o Oriente em serviço missionário, sendo reitor do Seminário de Beçaim. Esteve alguns anos em Macau, donde escreveu algumas cartas, entre elas uma em Setembro de 1588 dirigida ao Procurador Geral da Companhia de Jesus em Portugal na qua tratava da missão da China, depois escreveu o *Itinerário dos principis japoneses que foram numa embaixada ao Papa Gregório XIII*, narrando o que lhes aconteceu até serem restituídos às suas terras e escreveu e publicou mais o *Catecismo Chintense.*

Continua.

P.º Alberto Gonçalves.

Farpas

Sob a loucura dos homens

Mais um Natal que passa em guerra aberta entre os homens.

A lição de Belém não tem servido, nestes tempos turbados de incertezas e de lutas, para que todos sejam mais reflectidos, mais humanos e menos egoístas.

O egoísmo tem sido o mal da Humanidade, porque tem sido êle quem tem desencadeado tôda esta fúria de metralha que arrasa cidades e aldeias, e tudo aniquila num turbilhão medonho de devastação e de morte.

Os homens são egoístas, encobrendo sempre esse egoísmo por palavras sonoras, que escondem as intenções e com que pretendem mascarar a verdade. Essas palavras não são o reflexo do que se sente e pensa, mas sim uma ficção, uma maneira mais fácil de enganar.

Por tôda a parte, esquecidos da humildade que o Presépio consubstancia, os homens querem cobrir-se de galas, querem tornar-se resplandecentes de ouro, querem cegar os olhos de todos num deslumbramento apoteótico de poderio.

Para isso recorre-se ao crime de Caím porque só esse vive na lembrança dos ambiciosos e se projecta, ameaçadoramente, sobre tôda a Humanidade.

Humildade, contrição, misericórdia, solidariedade são coisas que não contam nos nossos dias. O que contam são as atitudes dúbias, cautelosas mas falsas, que se estudam com cuidado e se põem em cena com aparato, é certo, mas com intenções reservadas, com uma orientação premeditada na preocupação única de enganar para vencer.

Todos os anos, nesta quadra festiva, se revive a cena majestosa, impressionante e cheia de grandeza, de Belém. Deus, feito homem, descansa numas palhinhas humildes, num sorriso de bondade e de esperança que reconforta. A nossa alma sente-se então liberta do pesadelo de agruras que a sufoca e martiriza, que a acarunha e entristece. É uma réstea de luz suave e acalentadora que cai sobre nós, que nos reanima, que nos dá uma nova vida, num milagre de Fé. Chegamos, então, até nós cantares melodiosos que nos deleitam e extasiam. É a Verdade que triunfa das arremetidas bárbaras e loucas da Mentira. Será agora, depois de mais este desvario, que os homens de boa vontade reencontrarão a Paz sobre a Terra rubra do sangue do Resgate?

São João das Caldas, Natal de 1939. X. X.

Presidente da Câmara

S. Ex.^a o Sr. Dr. João Rocha dos Santos, Ilustre Presidente da Câmara esteve na nossa Redacção a agradecer as referências por nós feitas por ocasião da homenagem que a Cidade e Concelho lhe prestou e a apresentar-nos cumprimentos de boas festas e feliz ano, tendo tido para o «Notícias de Guimarães» palavras amigas que muito nos sensibilizaram.

O Ilustre Vimaranesense deixou-nos, também, a quantia de 100\$00 para o Natal dos Nossos Pobrezinhos.

Agradecendo a atenção de S. Ex.^a desejamos-lhe, igualmente, as maiores prosperidades no novo ano e festas muito felizes em companhia de sua Ex.^{ma} Família.

Dinheiro a juros

Emprestam-se 10.000\$00 por hipoteca. Informa o Ex.^{mo} Sr. Dr. António do Amaral, advogado, desta cidade. 129

GAZETILHA

Festa linda do Natal, Festa de Amor e Beleza, se os que semeiam o mal não tivessem a grandeza, não haveria, afinal, no mundo tanta tristeza.

Quem me dera ter poder para as iras dominar, deixar a Vida correr, vê-la, feliz, triunfar, e, sem receio, dizer: — O Belo vai começar!

Não mais haverá vingança, nem ódio, nem ambição, já pode haver confiança, homens apertai a mão. Bendita seja a bonança, pulsa, livre, coração!

Mas enquanto eu assim digo, e é todo o meu desejo, Santo Deus!, impera o p'riego, quantas desgraças eu vejo: — Gente sem ter um abrigo, nem de ventura um bafejo;

crianças cheias de fome, Mães tristes, inconsoláveis, atrocidades sem nome, martírios inenarráveis. Tanta Vida se consome... — Há homens insaciáveis!

Pobre Mundo! O teu destino tem o signo da amargura, ao mais leve desatino gram-se ondas de loucura. — Não se ouve dobrar o sino, mas abre-se a sepultura.

¿ Aonde vou eu parar dando larga ao pensamento? Só pretendia falar do Natal, do Nascimento, e bem alto aqui lembrar o seu cristão sentimento.

Desculpa, amigo leitor, se este tempo te roubei, Mas da Festa do Amor fazer *laracha* não sei. Em paga dêsse favor BOAS FESTAS te darei.

BELGATOUR.

A tal Carroça

Mas, então, em que ficamos, quanto à condução das malas do Correo para a Estação do Caminho de Ferro? A chaga da *pinérica* Carroça não desaparecerá da mesma forma que vai desaparecer o ano em que ela mais combatida tem sido? Porventura, esse símbolo de miséria e de vergonha existirá, ainda, no próximo ano de 1940, ano que nos anais da história se vai tornar notável pelas imponentes e patrióticas Festas das Comemorações Centenárias? Não será já tempo de pôr termo a tam vexatório espectáculo, que apenas serve para fazer baixar o nível da civilização de um povo que é digno de que tôda a justiça lhe seja feita? Continuar-se-á a manter o mesmo critério que tem sido mantido até aqui sob o ponto de vista da economia do transporte? Não estará suficientemente provado e demonstrado que essa economia que se apregoa redundante, por outro lado, em prejuizo do próprio progresso a que todos aspiram? Será justo, finalmente, que a mesma indiferença se mantenha? Não terão os Vimaraneses absoluto e indiscutível direito a serem atendidos na sua vé-lha pretensão de ser substituída a miserável Carroça? Quem duvidará? São nove perguntas a pedirem nove respostas.

São João das Caldas, Natal de 1939. X. X.

Presidente da Câmara

S. Ex.^a o Sr. Dr. João Rocha dos Santos, Ilustre Presidente da Câmara esteve na nossa Redacção a agradecer as referências por nós feitas por ocasião da homenagem que a Cidade e Concelho lhe prestou e a apresentar-nos cumprimentos de boas festas e feliz ano, tendo tido para o «Notícias de Guimarães» palavras amigas que muito nos sensibilizaram.

O Ilustre Vimaranesense deixou-nos, também, a quantia de 100\$00 para o Natal dos Nossos Pobrezinhos.

Agradecendo a atenção de S. Ex.^a desejamos-lhe, igualmente, as maiores prosperidades no novo ano e festas muito felizes em companhia de sua Ex.^{ma} Família.

Dinheiro a juros

Emprestam-se 10.000\$00 por hipoteca. Informa o Ex.^{mo} Sr. Dr. António do Amaral, advogado, desta cidade. 129

Orfeão de Guimarães

Foi deveras admirável o Sarau de Arte levado a efeito pelo nosso excelente grupo orfeônico no Teatro Martins Sarmiento, na passada terça-feira. Mais uma vez pudemos constatar o incremento que o Orfeão da muito digna e hábil regência do Maestro Sr. Filinto Nina tem tomado nesta sua nova fase e o carinho que os vimaranenses, na sua maior parte, veem dispensando a esta instituição cultural que tão alto tem sabido elevar o nome da sua Terra.

De parabéns estão, pois, a ilustre Direcção da presidência do distinto sacerdote e nosso prezado amigo sr. P.^e José Carlos Simões de Almeida e, bem assim, todos quantos fazem parte daquele grupo coral. De parabéns estão, também, os vimaranenses, que se interessam pelo progresso de Guimarães.



MANUEL RUIVO

naldo Ferreira de Abreu (Requife), que nos deliciaram com alguns fados, cantando, também, os orfeonistas srs. Lucínio Barbosa de Oliveira, Miguel Rodrigues de Oliveira e A. F. Araújo, que foram muito aplaudidos. O orfeonista sr. Aurélio de Barros Martins disse, também, alguns versos e, em prosa, prestou homenagem aos amigos do Orfeão e a Guimarães.

Na terceira parte do programa fez-se ouvir, num admirável concerto de violino, o nável Professor português sr. Manuel Ruivo que mais uma vez nos revelou as suas extraordinárias qualidades Artísticas, arrancando à assistência prolongadas e estrondosas salvas de palmas, que bem premiaram o trabalho magistral que apresentou aos vimaranenses, nessa noite memorável em que o Orfeão de Guimarães brilhou, mais uma vez, conquistando um novo e bem merecido triúfo.

Acompanhou-o a distinta pianista portuguesa, ex.^{ma} Sr.^a D. Conceição Cândida da Cunha Oliveira.

No início desta última parte do programa a gentil Senhora D. Aida Monteiro, cantou, primorosamente, acompanhada ao piano pela distinta professora do Liceu Feminino do Pôrto, ex.^{ma} Sr.^a D. Cezarina Lira, algumas interessantes composições.

A estas distintas senhoras da Cidade Invicta foi feita, pela assistência, uma carinhosa manifestação, com demoradas salvas de palmas, que bem traduziram não só o aplauso pela audição que nos deram, mas também o reconhecimento pelo brilho que vieram imprimir àquele Sarau.

O Sr. P.^e Carlos Simões, em nome da Direcção do Orfeão, entregou às mesmas senhoras os diplomas pelos quais são nomeadas sócios honorários daquela instituição Artística.

A Direcção do Orfeão de Braga, que veio assistir ao espectáculo, ofereceu ao Orfeão de Guimarães um artístico laço que foi colocado no respectivo estandarte por entre demorados aplausos.

O nosso Teatro registou, na noite da última terça-feira, uma assistência numerosa e selecta que enchia, quasi por completo, a modelar casa de espectáculos. Nas frisas e nos camarotes as senhoras da nossa Terra davam ao recinto um tom alegre e elegante.

No início do Sarau, o Sr. P.^e Carlos Simões, disse algumas palavras de abertura, agradecendo a cooperação dos vimaranenses e felicitando o Maestro Filinto Nina, sendo muito aplaudido.

Seguiu-se, ao breve e entusiástico discurso do Presidente do Orfeão, a parte orfeônica que foi impecável e que a assistência soube apreciar, em silêncio, aplaudindo calorosamente no final de cada uma das composições executadas.

A segunda parte compôs-se de um acto variado, com guitarradas pelos exímios artistas portugueses, srs. Alexandre Brandão, Fernando Barbosa e Arnaldo Ferreira de Abreu (Requife), que nos deliciaram com alguns fados, cantando, também, os orfeonistas srs. Lucínio Barbosa de Oliveira, Miguel Rodrigues de Oliveira e A. F. Araújo, que foram muito aplaudidos. O orfeonista sr. Aurélio de Barros Martins disse, também, alguns versos e, em prosa, prestou homenagem aos amigos do Orfeão e a Guimarães.

Na terceira parte do programa fez-se ouvir, num admirável concerto de violino, o nável Professor português sr. Manuel Ruivo que mais uma vez nos revelou as suas extraordinárias qualidades Artísticas, arrancando à assistência prolongadas e estrondosas salvas de palmas, que bem premiaram o trabalho magistral que apresentou aos vimaranenses, nessa noite memorável em que o Orfeão de Guimarães brilhou, mais uma vez, conquistando um novo e bem merecido triúfo.

Acompanhou-o a distinta pianista portuguesa, ex.^{ma} Sr.^a D. Conceição Cândida da Cunha Oliveira.

No início desta última parte do programa a gentil Senhora D. Aida Monteiro, cantou, primorosamente, acompanhada ao piano pela distinta professora do Liceu Feminino do Pôrto, ex.^{ma} Sr.^a D. Cezarina Lira, algumas interessantes composições.

A estas distintas senhoras da Cidade Invicta foi feita, pela assistência, uma carinhosa manifestação, com demoradas salvas de palmas, que bem traduziram não só o aplauso pela audição que nos deram, mas também o reconhecimento pelo brilho que vieram imprimir àquele Sarau.

O Sr. P.^e Carlos Simões, em nome da Direcção do Orfeão, entregou às mesmas senhoras os diplomas pelos quais são nomeadas sócios honorários daquela instituição Artística.

A Direcção do Orfeão de Braga, que veio assistir ao espectáculo, ofereceu ao Orfeão de Guimarães um artístico laço que foi colocado no respectivo estandarte por entre demorados aplausos.

O Natal dos nossos Pobrezinhos

Transporte (a)	1.479\$50
Aníbal Miguel C. Neves (Lisboa)	20\$00
Benjamin de Matos	10\$00
Carlos da Silva Pereira (Santo Tirso)	20\$00
Albano Sousa Guise (Brazil) (b)	50\$00
Gaspar Gonçalves Coelho	5\$00
José Jacinto Júnior	10\$00
Coronel Luís Pereira Loureiro	20\$00
L. L.	10\$00
Manuel Dias Pereira	5\$00
Júlio Pereira de Figueiredo	5\$00
Jeronimo Sampaio, por alma de seus pais	5\$00
Anónimo	20\$00
Ernesto Teibão de Abreu, por alma de seus pais e sua irmã	10\$00
Maria F. Ribeiro Teibão	10\$00
Capitão Francisco Martins Fernandes	10\$00
Quiosque do Toural	25\$00
Vasco Burmester Martins e esposa (Foz do Douro)	5\$00
Joaquim Laranjeiro dos Reis	2\$50
António Joaquim da Cunha Oliveira	5\$00
João da Costa Oliveira	5\$00
Alberto Alves de Oliveira	10\$00
Alberto Mendes de Oliveira	5\$00
Manuel C. Martins	5\$00
Pastelaria Avelino	5\$00
António Alves Martins	2\$50
Anónimo	50\$00
Joaquim Fernandes Marques	5\$00
P. ^e António Teixeira de Carvalho	5\$00
Belmiro de Carvalho Melo	5\$00
J. A.	5\$00
José Mendes de Oliveira	10\$00
Júlio António Cardoso (Lamego)	20\$00
António José de Oliveira, Filhos	10\$00
Anónimo	15\$00
Companhia de Electricidade Siemens (S. A. R. L.) Delegação de Guimarães	100\$00
Anónimo	40\$00
Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira (Paço-Vieira)	20\$00
Condessa de Margaride	10\$00
António Guise	2\$50
Antero Pereira da Silva (Pôrto)	20\$00
Alvaro Penafort (Celorico de Basto)	5\$00
A. C. R.	5\$00
António Geraldo Guimarães	5 00
Agostinho Martins da Rocha	5\$00
A. F. de Araújo	5\$00
David dos Santos Oliveira	5\$00
Dr. Augusto Luciano Guimarães	5\$00
José António da Silva Guimarães	2\$50
José Torcato Ribeiro Júnior	50\$00
Domingos Leite de Castro	10\$00
António da Silva Martinho	5\$00
José Maria Nunes	10\$00
Major Henrique Alberto de Sousa Guerra (Lisboa)	10\$00
Jacinto Guimarães (c)	20\$00
Francisco Teixeira Mendes	5\$00
D. Júlia Teixeira de Aguiar	5\$00
Operários da Fábrica da Cuca (d)	25\$00
António Pinheiro da Rocha, sufragando a alma de sua esposa D. Esménia A. D. Almeida	5\$00
Francisco da Costa Jorge	5\$00
Adelino Ribeiro de Abreu (Pevidém) sufragando a alma de seu filho	20\$00
Albano Martins Coelho Lima (Pevidém)	10\$00
Domingos Freiria	5\$00
Anónima	5\$00
Dr. João Aires de Azevedo	10\$00
Anónimo	5\$00
José Maria de Almeida	30\$00
Dr. José Pinto Rodrigues	15\$00
Anónimo	2\$50
Anónimo	2\$50
Dr. Manuel Bernardino de Araújo Abreu	10\$00
José Leitão	2\$50
Anónimo	5\$00
Oliveira & Silva, Successor	2\$50
José de Sousa Lima	10\$00
Dr. António Augusto da Silva Carneiro (Lisboa) sufragando a alma de sua Mãe e de seu irmão Arnaldo	20\$00
José da Silva Lima	10\$00
D. Beatriz dos Santos Malaquias (Cortegaça)	5\$00
José de Freitas Lima (Mascotelos)	5\$00
Grupo Musical da Cuca	5\$00
D. Luísa de Araújo Gomes Guimarães	20\$00
Augusto Nogueira da Silva	10\$00
M. J. P.	5\$00
José Silvério Ferreira Pinto	5\$00
Domingos Lopes de Barros	5\$00
Francisco Pacheco Barbosa (Brazil)	50\$00
E. J.	10\$00
José Luiz Cardoso Carreira	10\$00
Braga & Carvalho	5\$00
Manuel Ramos (Lisboa)	25\$00
A Transportar	3 084\$50

NOTA — Devido à organização do presente número, só no próximo número poderemos inserir os nomes dos restantes subscritores.

a) Por lapso de revisão saíram erradas nos dois últimos números, as importâncias com que subscreveram o sr. P.^e Gaspar Nunes e a Sr.^a D. Constança de Sousa Bandeira Guimarães, as quais foram, respectivamente, de 10\$00 e 20\$00 e não de 20\$00 e 30\$00 como saiu.

Também por lapso de revisão saiu errada a soma do penúltimo número, que devia ser de esc. 834\$50 e a do último número que, depois das alterações a que acima nos referimos, passou a ser de esc. 1.479\$50.

b) Albano de Sousa Guise, um nome que os vimaranenses conhecem e admiram e que os pobrezinhos da nossa terra de há muito se habituaram, e muito justamente, a pronunciar com respeito e gratidão, mais uma vez acorreu ao nosso apêlo enviando-nos do Brazil a importante quantia de 500\$00, para os nossos pobrezinhos.

O seu gesto — gesto nobre de um dedicado amigo dos pobrezinhos da sua Terra natal — é a prova da bondade que encerra o seu generoso coração, pois longe embora da sua terra, não há um ano só que deixe de praticar e em larga escala a Caridade que é uma das suas grandes virtudes.

Os pobrezinhos não se esquecerão, porém, de elevar a Deus as suas preces para que a felicidade continue a acompanhar o seu grande benfeitor e todos aqueles que lhe são queridos. Esses são também os votos que fazemos.

c) Esta verba destina-se, segundo a vontade do subscritor, a 2 viúvos e 2 viúvas que assistam a uma missa por alma de seus saudosos pais.

d) Digno de louvor o gesto dos operários da importante Empresa Industrial da Cuca. Humildes, embora, não deixaram de, voluntariamente, acorrer ao nosso apêlo em prol dos pobrezinhos.

"METRÓPOLE,"

COMPANHIA DE SEGUROS
S. A. R. L.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
Telefone 22594 Telegramas Metrôpole-
Séde — Rua Aures, 149 — LISBOA
Administrador Delegado — A. DE MELO SOUSA
Agente Geral no Pevidém — MANUEL DE CASTRO. 199

Lêde e assinal o «Noticias de Guimarães».

TEATRO MARTINS SARMIENTO EMPRESA JORDÃO & C.^a

HOJE, às 15 horas

O filme que revela um assunto da maior actualidade:

A Linha Siegfried

e que mostra claramente esta formidável fortaleza. Totalmente comentado em português.

E a deliciosa super-produção:

Precisam-se 13 Mulheres

Com um argumento invulgarmente original.

Amanhã, 25 — Um filme sensacionalíssimo que é a melhor super-produção desta temporada:

CONFLITO

com CORINNE LUCHAIRE na sua melhor criação.

Terça-feira, 26 — Uma das mais empolgantes interpretações de HARRY BAUR:

Golem, o monstro

Paulino de Magalhães

Acaba de receber para a **ESTAÇÃO DE INVERNO** um grande sortido em **Fazendas de lã para casacos e vestidos, padrões e côres da moda. Peluches, Veludos, Peles para golas. Um variado sortido, exclusivo desta casa, em Casacos, Blusas de Malha, Lãs em fio Frasquita e outras qualidades.**

Completo sortido em **Tecidos de Algodão. Chales, Lenços, Meias e tôdas as miudezas.**

GUIMARÃIS
(JUNTO À IGREJA DE S. PEDRO) 171

Telefone, 230 Não confundir

da cidade

Diversas Notícias

Progresso de Guimarães

S. Ex.^a o sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações acaba de conceder o subsídio de 133 contos, destinado à pavimentação das ruas desta cidade, subsídio esse que lhe havia sido solicitado pelo Ilustre Presidente da Câmara Municipal, sr. Dr. João Rocha dos Santos.

E' motivo para felicitar-nos vivamente aquele ilustre vimaranense que, assim e mais uma vez, demonstrou interesse pelo progresso desta terra.

O Sindicato Nacional da Indústria Têxtil e a Associação Artística Vimaranense expediram telegramas de felicitação a S. Ex.^a o Senhor Ministro das Obras Públicas.

Em sinal de regozijo os sinos da cidade repicaram festivamente ao princípio da noite do dia 15.

Lactário Municipal

No Lactário Municipal e por iniciativa da incansável enfermeira visitadora sr.^a D. Maria Carolina Catella Ferreira da Conceição, realizou-se ante-ontem à tarde uma interessante festa, para a inauguração das novas instalações e distribuição de um lindo enxoval a mais de 40 crianças que estão sendo presentemente socorridas por aquela modelar instituição, fundada graças ao esforço do distinto clínico e seu director sr. dr. José Maria de Castro Ferreira e que a Câmara Municipal tanto tem acarinhado.

Ao acto assistiram o sr. dr. Rocha dos Santos, Presidente da Câmara e os srs. António José Pereira de Lima, dr. José Maria de Castro Ferreira, Príncipe da Cunha Guimarães, José Ribeiro Moreira de Sá e Melo e Joaquim da Silva Ferreira Monteiro, vereadores da Câmara Municipal, António de Lencastre e Joaquim Laranjeiro dos Reis, directores da Casa dos Pobres, etc., etc.

Depois de os srs. drs. Rocha dos Santos e Castro Ferreira se terem referido àquela interessante festa, procedeu a sr.^a D. Maria Carolina Catella Ferreira Amaral à distribuição dos enxovais que constavam de: 2 camisas, 2 chabres, 2 camisolas, 2 cobertores, 2 vestidos e 1 bata.

A Câmara Municipal ofereceu os chabres, camisolas, vestidos e cobertores e os industriais srs. António José P. de Lima, João Pereira Mendes, Pedro de Freitas, António J. P. Rodrigues, Celestino Lobo e Alberto Pimenta Machado, as batas e as camisas.

Também o sr. Raúl de Sousa Maia, de Crestuma, também ofereceu as linhas e fitas de nastro.

Não podemos esquecer a comovedora manifestação que as mães das bebés num acto de gratidão promoveram ao sr. dr. José M. de Castro Ferreira, pelo seu aniversário natalício, oferecendo-lhe flores e um retrato que ficou colocado no Lactário.

Escola Ind. e Comercial

A falta de espaço com que lutamos não nos permite fazer, como seria nosso desejo, uma desenvolvida referência à festa realizada ante-ontem à noite no salão de festas da nossa Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda» promovida pela Direcção da Caixa Escolar, para a distribuição de roupas aos alunos pobres e bênção solene da nova bandeira.

A sessão presidiu o ilustre Director da Escola e nosso prezado amigo sr. Escultor Antonio de Azevedo, secretariado pelos srs. Dr. Augusto Borges de Sá e Tenente Mário Pinheiro, vendo se em lugares reservados os professores, representantes da Imprensa e outros convidados.

Depois de executado o Hino da Mocidade o professor e nosso prezado amigo sr. Mario de Sousa Menezes fez um discurso, referindo-se à

... a festa de Natal, o nosso prezado amigo e digno Arcepreste substituto sr. P.^a António Cândido Pires Quezado.

— Encontramos neste cidade, para passar as festas do Natal, o nosso prezado colaborador e amigo sr. dr. Eduardo Almeida.

— Encontram-se nesta cidade, a passar as festas do Natal, muitos dos nossos amigos e conterrâneos que vivem em diversas terras do País.

O mesmo ilustre sacerdote fez um breve e interessante discurso, sendo muito aplaudido. Os alunos cantaram depois o Hino Nacional, assim terminando a encantadora festa.

Asilo de Santa Esfêntia

Nos dias 25 e 31 do corrente e a 6 de Janeiro próximo, encontram-se em exposição neste estabelecimento de Caridade, segundo nos comunica a sua ex.^{ma} Directora, os trabalhos confeccionados pelas internadas, sendo de esperar grande concorrência de pessoas.

Agradecemos o convite que nos foi feito para fazermos uma visita.

Boas-Festas

A Direcção da Casa dos Pobres apresentou-nos os seus cumprimentos de Boas-Festas. Agradecemos.

— Recebemos, também, os cumprimentos de boas-festas da Gerência e Empregados do Banco de Barcelos (Agência de Guimarães).

Agradecemos e retribuimos gostosamente.

— Também nos apresentaram cumprimentos de boas-festas: Tenente Ernesto Moreira dos Santos, Comandante do Batalhão n.º 13 da L. P.; Dr. António Carneiro, de Lisboa; Manuel Ramos e Jacinto Guimarães, da mesma cidade; Heitor Guimarães, Oscar Avelino Pires, Foto Cine, Domingos Calme Baptista Vieira e David dos Santos Oliveira, Chefe da Estação do C. de Ferro de Guimarães, etc.

A todos agradecemos e retribuimos gostosamente.

Cumprimentos

Dignou-se vir apresentar-nos os seus cumprimentos o distinto violonista português, sr. Manuel Ruivo, que se fazia acompanhar por seu pai e pela gentil pianista sr.^a D. Conceição Cândida da Cunha Oliveira.

Festa do Natal

Nas capelas das V. O. T. de S. Francisco e S. Domingos, celebraram-se, à meia noite de hoje, as chamadas «Missas do Galo».

Boletim Elegante

Partidas e chégias

Partiu para Viana do Castelo, a fim de passar as festas do Natal com sua família, o nosso prezado amigo e digno Arcepreste substituto sr. P.^a António Cândido Pires Quezado.

— Encontramos neste cidade, para passar as festas do Natal, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. José Maria de Almeida, residindo em Avarés.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo sr. José Silvério Ferreira Pinto, da Casa do Ribeiro, S. Cristóvão de Selho.

— Com sua família retirou para o Solar de Simões, Felgueiras, o nosso

... a festa de Natal, o nosso prezado colaborador e amigo sr. dr. Eduardo Almeida.

— Encontramos neste cidade, a passar as festas do Natal, muitos dos nossos amigos e conterrâneos que vivem em diversas terras do País.

O mesmo ilustre sacerdote fez um breve e interessante discurso, sendo muito aplaudido. Os alunos cantaram depois o Hino Nacional, assim terminando a encantadora festa.

A Direcção da Casa dos Pobres apresentou-nos os seus cumprimentos de Boas-Festas. Agradecemos.

— Recebemos, também, os cumprimentos de boas-festas da Gerência e Empregados do Banco de Barcelos (Agência de Guimarães).

Agradecemos e retribuimos gostosamente.

Secretaria Judicial ANÚNCIO

(2.^a publicação)

No Juízo de Direito da comarca de Guimarães e pela 3.^a secção da Secretaria Judicial da mesma comarca correm editos de vinte dias, citando os credores de conhecidos da firma executada M. Veiga & Fernandes, sociedade comercial, com sede na vila e comarca de Olhão, representada pelos seus sócios gerentes Mário Veiga & Veneslan Fernandes, moradores na mesma vila, para no prazo de dez dias, que se contam passados que sejam os dos editos, virem à execução de sentença em Processo Sumaríssimo que Pinheiro & Oliveira, Limitada, firma comercial, com sede na Rua da República, desta cidade de Guimarães, move aquela firma executada, deduzir os seus direitos.

Guimarães, 11 de Dezembro de 1939. Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, Rodolpho Arthur d'Abreu.

O Chefe da 3.^a Secção, Luis Cândido Lopes. 197

Pombos-correios

Vendem-se, da procedência: sr. Ventura, do Paço. Tratar com João da Silva — Rua do D. João I.

Orfeão de Guimarães

Assembleia Geral

São convocados os srs. associados a reunirem-se em Assembleia Geral, no próximo dia 26 do corrente, pelas 2 1/2 horas, na Sede deste organismo, para se dar cumprimento à alínea a) do artigo 20.^o eleição dos corpos gerentes para 1940.

Não comparecendo a esta reunião número legal de sócios, fica a mesma transferida para o dia 29, à mesma hora e local acima designado funcionando então com qualquer número de sócios presentes.

Guimarães, 18 - Dezembro - 1939.

O Presidente da Assembleia Geral, Padre Augusto José Borges de Sá.

Casa dos Pobres

Convocação da Assembleia Geral

Sendo necessário proceder-se a nova eleição da Direcção desta Casa dos

Pobres para o biénio 1940-1941, em virtude dos membros reeleitos pela última Assembleia Geral terem pedido a sua admissão, são convidados todos os subscritores para uma reunião de Assembleia Geral, convocada por ordem do Ex.^{mo} Presidente, e que se realizará no próximo dia 30, pelas 17 horas, na Secretaria desta Instituição. Se nesse dia não comparecer número legal de subscritores para poder funcionar a Assembleia, esta realizará-se no dia imediato com qualquer número de subscritores presentes, nos termos do art.^o 24.^o dos citados Estatutos, e no mesmo local e à mesma hora.

Guimarães, 22 de Dezembro de 1939.

O 2.^o Secretário, António Geraldo Guimarães.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço ficam-nos de fora algumas das habituais secções, artigos, noticiário, etc., do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Um apêlo à Caridade

Um pobre operário da nossa terra, novo ainda, pois conta 29 anos apenas, casado, com 2 filhinhos, sofreu, ultimamente, a amputação de ambas as pernas.

Perante tamanha desgraça recorreu o infeliz a pessoas amigas no intuito de conseguir um carrinho que lhe permita transportar-se de lado para lado e essas pessoas, porque não são ricas, pedem-nos para que façamos aqui um apêlo aos nossos leitores, no sentido de se conseguirem alguns donativos, para ajuda da aquisição desse carro.

O infeliz mora no Largo do Ourado, n.º 18-19. Oxalá que os nossos leitores possam contribuir para que o infeliz Francisco Fernandes possa conseguir aquilo que neste momento deseja e lhe é absolutamente indispensável.

Leitores, acorrei em seu auxílio.

Transporte 102\$50

António José Ribeiro, de Atães 5\$00

A transportar 107\$50

J. R. GEIGYS. A., BÂLE Suisse

ANILINAS para tôdas as Indústrias

Representante-Depositário:

Carlos Cardoso

Rua do Bomjardim, 551 - PORTO

TELEFONES: 4955 e 4956

Agente em Guimarães:

J. MENDES RIBEIRO JÚNIOR

R. de Paio Galvão (Stand n.º 12) TELEFONE, 81

FÁBRICA MANUAL DE CALÇADO

José André & C.^a

TELEFONE, 168

GUIMARÃIS

FÁBRICA DE

TECIDOS DE LINHO E ALGODÃO

Panos em tôdas as larguras

DE

Albano M. Coelho Lima

TELEFONE, 12

DEVIDÉM

José Albano, Suc.^{res}

R. Mousinho da Silveira, 182 -- PORTO

Telefone, 830 Teleg. Josélbano

Correias, Artigos de borracha e ferramentas mecânicas

FILIAL:

Casa das Balanças

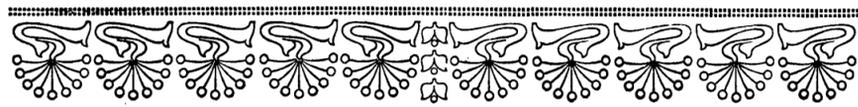
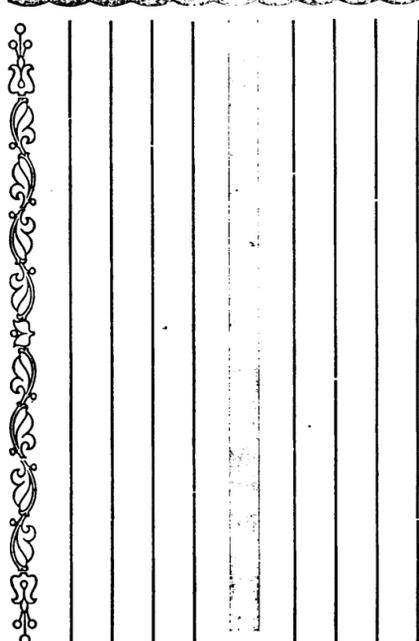
R. Mousinho da Silveira, 324 a 330 PORTO

Especialidade em balanças, pêsos e medidas. Ferramentas para todos os officios.

**TECIDOS
DE
REBORDÕES**



**Impõem-se
pela
perfeição
do
fabrico
e
solidez
das
suas côres**



Empreza Industrial Sampedro, L.^{da}

LORDELO - GUIMARÃIS

FÁBRICA DE TECIDOS DE LINHO E DE ALGODÃO

Grande Prémio de Honra na Exposição Industrial Portuguesa de 1932
Diploma de Honra na Exposição Colonial Portuguesa de 1934

Especializada no Fabrico de Linhos Fines

Escritório no Porto:

R. dos Clérigos, n.º 44-1.º ■ TELEFONE 2441

G. LEAL & C.^A, L.^{DA}

IMPORTADORES DE CARVÃO



para INDÚSTRIA
AQUECIMENTO
e COZINHA

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 76-1.º

Telegramas LEMOT PORTO TELEFONE 292

Representante em GUIMARÃIS:

J. Mendes Ribeiro Júnior

Rua de Paio Galvão (Stand n.º 12)

TELEFONE 81

COMPANHIA GERAL DE COMBUSTIVEIS

S. A. R. L.

SÊDE EM LISBOA:

Avenida 24 de Julho, 1-2.º
Telefones 22361, 22362 e 22363
Endereço teleg.: COALS

FILIAL NO PORTO:

Rua Mousinho da Silveira, 6-2.º
Telefones 2682 e 2683 P. B. X.
Endereço teleg.: COALS

Representante directa das Firmas

POWELL DUFFRYN ASSOCIATED COLLIERIES LTD.,
GUERET, LLEWELLYN & MERRETT, LTD.
e COMPANHIAS ASSOCIADAS

Controlando uma exportação anual de 10.000.000 de toneladas de carvão

Carvões das melhores minas de Cardiff e Newcastle
apropriados para as diversas aplicações industriais e domésticas.

Não comprem sem se inteirarem das vantagens que oferecemos aos nossos Clientes

OLEOS GERM



Lubrificante inglês de primeira qualidade com a categoria de óleo de aviação. Fornecido em várias graduações para todos os tipos de motor de automóvel, para instalações de força motriz e maquinismos em geral.

AGENTES:

J. P. da Conceição, L.^{da}

Rua Mousinho da Silveira, 91 -- PORTO

VINHOS FINOS E DE MESA



SOCIEDADE DE VINHOS SCALABIS, L.^{DA}

AVEIRO

TELEFONE, 179

Máquinas e Acessórios

PARA:

FIAÇÃO
TECELAGEM
TINTURARIA
ESTAMPARIA
ACABAMENTOS, ETC.

Transmissões Industriais por corrente RENOLD

Novo sistema de aquecimento por aparelhos "THERMOLIER"

HARKER, SUMNER & C.^A

223, RUA JOSÉ PALCÃO

— PORTO —

14, L. CORPO SANTO, 18

— LISBOA —

FÁBRICAS E ARMAZÉM DE TECIDOS DE ALGODÃO

E —

FÁBRICA DE MÓVEIS E SERRAÇÃO

**A L B E R T O
P I M E N T A
M A C H A D O**

Rua de Paio Galvão

Rua de Gil Vicente

TELEFONES:

ARMAZÉM, 59

ESCRITÓRIO, 110

RESIDÊNCIA PARTICULAR, 87

FÁBRICA DE MÓVEIS, 243

FILIAL: Rua de Santo António

TELEFONE, 180

Vendas a Retalho—Colossal Sor-
tido em Casimipas e inúmeros
Artigos para Homem e Senhora

G U I M A R Ã I S

J. Mendes Ribeiro J.^{or}

Rua de Paio Galvão (Stand n.ºs 11 e 12)

GUIMARÃIS

TELEFONE, 81



Representações, Comissões e Consignações.

Matérias primas, anilinas e produtos químicos.

Máquinas

de Fiação, Tecelagem, Acabamentos e Tinturaria.

Ferramentas e Acessórios

para todas as indústrias.

Carvão de todos os tipos—Máqui-

nas de escrever—Lâmpadas, etc.

Seguros contra todos os riscos,

Agente exclusivo de:

"FIRESTONE"

Penzoil

que apresentou um novo tipo de
pneus de seu exclusivo fabrico que
tem conseguido revolucionar o Mun-
do Automobilístico

Champion,

Tem maior:

Banda de rolagem

Aderência

Tração

Resistência de carçassa e

Flexibilidade.

100% puro da Pennsylvania,

Óleo usado pela Companhia «Uni-
ted Air Lines», lubrificando 28
aviões bimotores de 14 cilindros e
1.150 H. P. (cada) a uma veloci-
dade de cruzeiro de 300 quilóme-
tros à hora.

O combóio mais rápido do mundo,
com motor Diesel, é lubrificado ex-
clusivamente com Penzoil.

LUBRIFICAÇÃO SEGURA.

Carreira entre Guimarães e Pôrto

Escritório em Guimarães:

Rua de Santo António

Dias úteis — Partidas: 8,05 h., 12,35 e 18,20

Aos Domingos — Partidas: 8,05 e 18,20

TELEFONE: 181

Escritório no Pôrto:

Rua do Almada

(GARAGEM C. DO PORTO)

Dias úteis — Partidas: 8 h., 12,30 e 17

Aos Domingos — Partidas: 8 e 17 h.

JOÃO FERREIRA DAS NEVES

Fábrica de Cortumes de Roldes

CANEIROS — GUIMARÃIS

Telef. 99

Especialidade

em

Pelarias finas

José de Melo & C.^a

Despachos de Exportação,
Importação e Cabotagem

R. NOVA DA ALFANDEGA, 67

PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONE: { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Trânsito, de Fabri-
cantes e Negociantes estrangeiros e nacionais

VIDAL & VIDAL

SUCESORES

Grácio, Esteves & Pinto, L.^{da}

Agência de Despachos, Mudanças e Transportes em Lisboa, Pôrto e para todos os pontos do País

CARREIRAS DE CAMIONETES ENTRE LISBOA E PORTO

Despachos nas Alfândegas

EXPEDIÇÃO E REEXPEDIÇÃO DE MERCADORIAS PELA VIA MARÍTIMA

Séde em Lisboa

9, Rua da Vitória, 11

TELEFONE 24788

Filial no Pôrto

Rua do Bolhão, 225

TELEFONE 5310

PRODUTOS



ADICO

(MARCA REGISTRADA)

Mobiliário cirúrgico e hospitalar

Móveis modernos cromados

Adelino Dias Costa

AVANCA

TELEFONE, 2

Camas-Lavatórios-Colchoaria

Oficina de Caldeiraria

DE

Luiz Gonçalves & Irmão, L.^{da}

CONSTRUTORES DE



CALDEIRAS TERRESTRES E MARÍTIMAS—
AUTOCLAVES PARA FÁBRICAS DE TECI-
DOS—AUTOCLAVES PARA FÁBRICAS DE
CONSERVAS—DEPÓSITOS PARA AZEITES,
ÓLEOS, ETC., E COBERTURAS METÁLICAS.

Rua do Grijó n.º 92

LORDÊLO DO OURO

PORTO

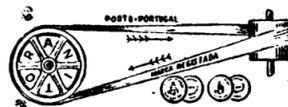
Telefone

n.º

15846

FÁBRICAS DE CORTUMES E

CORREIAS DE TRANSMISSÃO



TODOS OS UTENSÍLIOS DE COURO
PARA AS INDÚSTRIAS

Tacos de búfalo e correia. Tira-tacos para tecelagem
Fundada em 1873 na Covilhã por SEBASTIÃO DA SILVA RANITO

Paulo da Silva Ranito

FÁBRICA DE CORREIAS — 595, Rua Tenente Valadim, 609

FÁBRICA DE CORTUMES «A Continental» — Ponte de Pedra

Tele { gramas: Laníeres — Pôrto
fones: 15294 — Fábrica de Correias
S. M. 13 — Fábrica de Cortumes

Telefone 5884--P. B. X.

End. teleg. API--PORTO

Máquinas e Acessórios Têxteis



Fabrico especializado de todos os acessórios para a
INDÚSTRIA TÊXTIL

ARMANDO PINTO & IRMÃO

R. de Santa Catarina, 17-1.º — PORTO

Muda em 29 do corrente para a

Rua Passos Manuel, 229-1.º

PORTO

EIRADO & VIANA

Artigos para a Indústria Têxtil

TACOS (EIVI) os melhores



Rua Mousinho da Silveira, 149

Telefone, 926

Teleg. EIVI

PORTO

Agente em Guimarães:

Damião de Sousa Oliveira

Empresa Têxtil da Cuca, Limitada



FÁBRICA:

Moreira de Cónegos

VIZELA

TELEFONE, 24

SÉDE E ESCRITÓRIO:

56, Rua de Passos Manuel, 58

PORTO

TELEFONE, 1147

Fábrica de Fiação e Tecidos de algodão e mixtos com sêda



A IDEAL, LIMITADA

FÁBRICAS DE FIAÇÃO
E TECIDOS DE MALHA

SÉDE; -- RUA JOÃO MACHADO

COIMBRA

TELEFONE, 807

Fábrica
de
Tecidos
da
Cruz
de
Pedra,
L. da

— — —
Telefone, 190

Guimarães

Empresa Fabril do Norte, L. da

Séde: Senhora da Hora Telegramas: Norte

Telefone: 12 - S. H.

Fábrica de Fiação fina — Tecelagem de artigos finos
Mercerização — Acabamentos — Linhas para costura

Uma fábrica portuguesa de carrinhos de linha de algodão das seguintes marcas:
— Relógio, Pôrto, Afonso Henriques, Alfaiate.

De linha de algodão em tubos, marcas:

— Bouquet, Sedalina, Alinhavar.

De linha de algodão em novelos, marcas:

— Perlé e Passajar.

De carretéis de linha de algodão da popular marca "COSTUREIRA,,,"

Fabrico especializado dos seguintes artigos:

— Popelines, Palmiras, Zefires e Bretanhas finas.

As afamadas bretanhas, marca «ANGOLA», são fabricadas com algodão das nossas colónias de Africa.

ALGODÃO PARA BORDAR:

Os nossos artigos competem com vantagem com as melhores marcas estrangeiras.

Mário Costa & C.^a, Limitada

Rua do Almada N.º 30, 1.º e 2.º -- PORTO

TELEFONE 2571

Telegramas NATICOLOR

Agentes Gerais para Portugal e Colónias de:

Muraline — a conhecida tinta a água, para pintura de paredes.

Hard Gloss e La Belle — esmaltes de grande resistência e brilho.

Esmalte Sintético "Four Hour," (Quatro Horas), próprio para irradiadores, tintas, etc.

Tinta Anti-Corrosiva Carson — Tinta de grande resistência para tôdas as obras de engenharia.

Cimentex — a tinta indicada para a pintura de cimento, em interiores e exteriores.

Trinchas, Pinceis, Rolos para decorações de paredes, etc.

Agentes nos principais centros comerciais.

Compagnie Nationale de Matières Colorantes et Manufactures de Produits Chimiques du Nord Réunies (Établissements Kuhlmann).

Compagnie Française de Produits Chimiques et Matières Colorantes de Saint-Clair-du-Rhône.

Société des Produits Chimiques et Matières Colorantes de Mulhouse.

Durand & Huguenin (S. A.) de Huningue.

Fabricantes de Córantes para tôdas as fibras, directos sulfurosos, básicos, ácidos, como, meia-lá, Naphazol, etc., etc.

Córantes de Cúva, de grande solidez às intempéries.

Solanthrenes.

Agentes nos principais centros industriais.

Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem

EDUARDO PEREIRA PINTO & FILHOS

Casa Fundada em 1855 (54 anos)

Fábrica, Armazém e Escritório

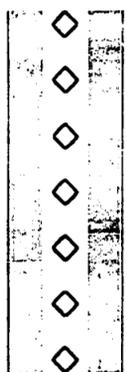
Rua Duque de Saldanha, 150

Telegramas: DORATO

Telefones 1313 e 1668

PORTO

Para Fiar -- Tecer -- Tingir -- Acabar



Para tudo que diz respeito à Indústria Têxtil, há uma casa Portuguesa que fabrica todos os Acessórios necessários! Mesmo que não tenha interesses ligados à Indústria Têxtil, visite a Exposição permanente desta casa e verá que a Indústria Nacional de Acessórios para a Indústria Têxtil dispensa os de fabricação estrangeira. Concorremos a 6 Exposições tendo-nos sido conferidas 7 Medalhas de ouro e 1 diploma de honra. Na Indústria Portuguesa de 1932 e Colonial de 1934 fomos conferidas 2 medalhas de ouro em cada.



Agente em Guimarães:

DAMIÃO DE SOUSA OLIVEIRA

FIBRA COMERCIAL LUSITANA, L.^{DA}

RAYON

Torções - Fantasias - Voile - Crepe Encolados
Urdissagem e Tinturaria

VENDAS EXCLUSIVAS DOS PRODUTOS
"SNIA-VISCOSA" E "TAP"

FIAÇÃO DE SNIAFIOCCO

PORTO — Avenida Boavista, 1904

TELEG.: Italfibra-PORTO

TELEFONES 15311-15312

AGENTE EM GUIMARÃIS

Sebastião Teixeira de Aguiar



*Grandes
Vinhos,
Espumantes
Naturaes*

CAVES DA RAPOSEIRA
LAMEGO - PORTUGAL

AGENCIAS:

LISBÔA: BENARUS, L.D.A. - R. Emma da 100. T. 25674
PORTO: A. LUCENA - R. Bom Jardim 380 - T. 1715

LITOGRAFIA IDEAL, L.^{DA}

Travessa de Cedofeita, 22 -- PORTO

TELEFONE, 5077

Execução esmerada e cuidadosa em todos os trabalhos do seu género: Rótolos, Cartazes, Cromos, Rêclamos, Impressos de escritório, Alto Relêvo e Foto Lito. A's Fábricas de Tecidos recomendamos, no seu interesse e conveniência, nos consultem nos seus trabalhos de litografia a executar.

ECONOMIA E PERFEIÇÃO. PREÇOS DE CONCORRENCIA. PEÇAM ORÇAMENTOS.

Fábrica de Branqueação e Acabamentos, L.^{da}

PORTO

Fabrica os melhores e mais finos tecidos brancos e de côres lisas. Os já afamados

"Tecidos Breiner"

com as suas inconfundíveis opalinas encontram-se à venda nos armazéns do sr.

Alberto Pimenta Machado

O MELHOR CAFÉ É O D'A BRASILEIRA

Teles & C.^a, L.^{da}

75, Rua de Sá da Bandeira, 91
PORTO

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO
Praça D. Afonso Henriques
Guimarães

CASTRO, SOUSA & C.^a, L.^{da}

COMISSÕES E REPRESENTAÇÕES

Agentes Depositários (Norte Mondego) de:

Soç.^{ta} Anon.^{ma} des Matieres Colorantes & Produits Chimiques de Saint Denis (Anilinas para tôdas as Indústrias e produtos químicos para tinturaria).

Compagnie Française des Extraits Tinctoriaux et Tannants du Havre (Extratos para cortumes).

Carlos Farinha -- Lisboa, (Acido acético, Taninos, Bicromatos, Lãs penteadas e em fio).

Agentes Depositários dos Produtos da

Fábrica "LUSO.."

Alvaiades, Branco de Titânio e a inegalável tinta a água MEMBRANITE para pintura exterior e interior

EXTRATOS DE CAMPECHE
HEMATINES
SULFORICINATOS.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 233 -- PORTO

TELEF. 2219 - P. B. X.
TELEG.: MIMI - Porto

COD.-BENTLEY-ABC 6.7H

A SOCIAL

COMPANHIA
PORTUGUESA
DE SEGUROS

S. A. R. L.

Capital Esc. 500.000\$00

Preferida pela organização da sua assistência para os
Seguros contra desastres no trabalho

SEDE -- Rua Cândido Reis, 51 a 61

PORTO

Agência Geral em Guimarães:

ALBERTO PIMENTA MACHADO

Delegado para a Assistência:

Henrique de Sousa Correia Gomes